O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANNO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Quarta-feira 19 de maio de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:491

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

SUMMARIO:—PREMIO.—AS FESTAS.—AO «CORREIO DA MANHÃ».—TESTEMUNHO HONROSO.—NOTICIAS LOCAES.—FOLHETIM.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—A PRINCEZA AMELIA.—PROGRAMMA.—PRISÃO PREVENTIVA E FIANÇAS.—ARABESCOS E MINIATURAS.—BIBLIOGRAPHIA.—PARTE OFFICIAL.—TELEGRAPHIA.—CARTA DE LISBOA.

Aveiro

PREMIO

El-rei conferiu a gran-cruz da Torre e Espada de Valor, Lealdade e Merito ao sr. conselheiro José Luciano de Castro, chefe do partido progressista, actual presidente do conselho de ministros e ministro e secretario dos negocios do reino. Ao entregar-lhe as insignias, S. M. pronunciou algumas palavras que revelaram a alta consideração e a estima que consagrava ao caracter honrado do distincto estadista. Tudo isto se passou na presença de S. M. a rainha.

[illegible] ço em que têm o sr. José Luciano de Castro, prestou homenagem não só aos seus talentos e serviços, mas tambem á sua lealdade ás instituições e á dynastia. Poucos homens haverá ahi mais convictamente monarchicos e mais devotadamente dedicados a el-rei, que o sr. conselheiro José Luciano de Castro. Por vezes e em differentes conjuncturas lhe temos ouvido expor os seus sentimentos, fallando sempre com a maior correcção quando se refere a el-rei, e mostrando com a elevação de fraze e de conceito, que n'elle é peculiar, as suas simpathias pessoaes por o chefe do estado.

São raros hoje os que não se mostram agastados na hora da adversidade, os que sabem fazer justiça aos que a constituição collocou tão alto, que nunca as paixões partidarias deviam ensombrar-lhes o brilho. E todavia o chefe do partido progressista soube honrar sempre o caracter do monarcha. Nunca as circumstancias actuaram no seu espirito para o affastarem dos seus propositos. Foi sempre amigo d'el-rei. Não faltando aos seus deveres como partidario, perpetuou as tradições da bandeira gloriosa dos Passos, de Sá da Bandeira, de José Estevam, de Loulé e de Braamcamp, acatando o homem e o magistrado.

A gran-cruz da Torre e Espada é uma distincção de subido quilate, a maior que existe no paiz, e que se confere só aos homens que escalaram uma posição pelo seu valor, pelo seu merito e pela sua lealdade. Por todos estes titulos a graça conferida ultimamente por el-rei ao sr. José Luciano de Castro exprime, não uma concessão de favoritismo, mas um premio ao benemerito cidadão, que servindo dedicadamente o seu partido, sabe honrar o paiz e a liberdade.

AS FESTAS

A provincia despovoa-se. Anda tudo alvoroçado para ir a Lisboa assistir ás festas do casamento do principe real. Este enthusiasmo diz o bastante para que se conheçam os sentimentos do nosso povo, as suas tendencias naturaes, e bem assim a docilidade dos seus costumes.

Annuncia-se a festa regia, e o povo apressa-se a concorrer, para a abrilhantar, porque sem a sua presença não seria grande, nem bello, nem imponente aquelle acto, que ficará sendo uma demonstração energica da alliança sincera da realeza com a democracia.

Os comboios passam pejados da multidão avida de se ver muros a dentro da formosa cidade, rival das mais opulentas metropoles da Europa e do mundo. E não é só das povoações mais gradas que partem contingentes numerosos para a capital. As aldeias, os logares mais sertanejos tambem contribuem com legiões importantes, que se dispõem a gozar os prazeres que Lisboa offerece por occasião do auspicioso enlace do principe real.

Ha muitos annos que não assistimos a tamanho movimento, devido incontestamente áquelle successo. Nem por occasião das visitas do principe real e do rei de Hespanha, nem quando se festejou o tricentenario de Camões houve tão grande reboliço na população do paiz. E então como agora havia os mesmos meios de locomoção, tinhamos o comboio a preço reduzido, a estação estiva convidava ao passeio, tudo se preparava para tornar apparatosas as festas que então se fizeram em Lisboa.

Não fallamos de proposito nos casamentos d'el-rei D. Pedro V e de el-rei D. Luiz, em consequencia de não se terem ainda concluido os trabalhos de construcção da linha ferrea do norte. Já veem que não fazemos comparações. A affeição pela monarchia era então no mesmo gráo em que hoje se acha. As instituições tinham o mesmo vigor. Havia a mesma fé nos homens e nos partidos. Não valia mais a liberdade, porque actualmente se apresenta com o mesmo brilho. Não se confiava então menos no futuro, nem as esperanças se haviam atrofiado, para agora se desenvolverem e ostentarem toda a sua pujança.

Cremos que um dos modernos factores do grande acontecimento é o desenvolvimento da riqueza publica, devido a circumstancias verdadeiramente extraordinarias. A liberalidade da producção vinicola, e a grande procura que os nossos vinhos teem tido n'estes ultimos annos pela especulação estrangeira, concorreram poderosamente para o actual estado de cousas. O haver melhorado o cambio do Brazil, foi outra razão d'ordem, que influiu beneficamente no nosso mercado. D'aqui a abundancia em differentes regiões do paiz, e consequentemente o bem estar e a alegria do povo, coincidindo com o casamento do herdeiro presumptivo do throno.

Mas sejam quaes forem as causas, o effeito vê-se a olho nú. Os pessimistas emudeceram. As nenias dos Jeremias de meia tigella já não ecoam no espaço. Não ha notas discordantes, e mesmo que as houvesse, exprimiriam o descontentamento de um ou outro individuo, o que não queria dizer que a singularidade do caso podesse influir nas nossas apreciações, que se baseiam em factos indestructiveis.

AO «CORREIO DA MANHÃ»

O *Correio da Manhã*, apesar das nossas delicadas e repetidas advertencias, não só continua no systema pouco sério de inventar tolices para as attribuir aos outros, mas até, com uma ignorancia indesculpavel, as commenta com assombrosas barbaridades.

Se ignorasse menos os factos e soubesse mais das leis, não prejudicaria tanto os seus creditos de jornal supportavel.

Assim vemo-nos na dura necessidade de o desmentirmos redondamente, e de nos rirmos dos seus commentarios disparatados. Tenha paciencia.

E' falso que a camara municipal de Ovar nomeasse em agosto de 85 um facultativo *extraordinario*, em presença dos receios do cholera. O que ella fez em fevereiro de 1885 foi crear mais um partido de medicina com sede na villa, com o ordenado annual de 300$000 reis, havendo já no concelho outro partido de medicina com a dotação annual de reis 250$000, e mais trez de cyrurgia; em seguida abriu concurso, e passados mezes proveu n'elle *definitivamente* um individuo que, com successivas licenças, só muito depois entrou no exercicio do cargo.

O motivo d'essa criação e nomeação não foi o cholera, mas a necessidade de substituir na clinica do hospital, a cargo da camara, o outro medico de partido, a quem a camara, não tendo ainda a coragem de demittir, deixára de pagar, e prohibira de entrar n'aquelle estabelecimento.

E' falso que a Junta Geral supprimisse esse novo partido de medicina. Pelo contrario, tendo a commissão executiva approvado em 11 de março de 1885 o 2.º orçamento supplementar em que se lhe estabelecia a dotação, a Junta Geral, na sua reunião ordinaria seguinte, em novembro do mesmo anno, não revogou essa approvação, como aliás podia licitamente ter feito.

E' falso que as camaras municipaes possam criar partidos sem precisar de approvação da Junta Geral, por quanto a dotação d'esses partidos teem de constituir despeza nos orçamentos, e os orçamentos carecem absolutamente d'essa approvação.

E' falso que a camara d'Ovar criasse em 9 de outubro de 1885 um partido medico-cyrurgico, e n'elle provesse o mesmo medico que já estava servindo. O 2.º partido que a camara criou de novo em outubro de 85, já depois de provido o outro, foi exclusivamente de cyrurgia, com o ordenado annual de 112$000 réis, e n'este não foi ainda provido ninguem. Quem interinamente o tem estado a exercer, segundo consta, sem concurso, e sem nomeação, até é o contador e distribuidor do juizo.

E' falso que a camara d'Ovar não preterisse nenhuma formalidade legal na [illegible], preferiu a primeira e mais essencial, pois não allegou e menos provou que elle houvesse commettido a mais leve falta de cumprimento dos seus deveres, e apenas se fundou em não ser o mesmo medico *da sua confiança politica*.

E' falso que o accordão da commissão executiva, que approvou essa arbitraria demissão, passasse em julgado, pois o art. 92 do Cod. Administrativo expressamente declara que as resoluções da commissão executiva sobre assumptos como este, só vigoram provisoriamente, em quanto a junta geral não delibera sobre a sua approvação ou reprovação.

E' falso que a nova commissão executiva revogasse qualquer accordão da commissão executiva anterior. A junta geral, no uso da faculdade e no desempenho do dever que lhe impõe o artigo 92 e seu § do Cod. Adm., é que não confirmou alguns, por serem illegaes, tumultuarias e abusivas as deliberações a que elles respeitavam. Assim, a camara de Ovar não déra razões algumas que justificassem a criação de mais um partido, e só de cirurgia, havendo a esse tempo no concelho mais 5 partidos medicos, todos providos. E desde que a lei confere ás juntas geraes a tutella sobre as camaras municipaes, e lhe dá poderes para approvar ou reprovar as deliberações d'ellas sobre este assumpto, é claro que essas deliberações teem de ser fundamentadas, para poder ser conscienciosa a sua approvação. Demais, tanto era inutil tal criação, que a camara ainda até hoje não abriu concurso para prover o logar, e logo em fevereiro de 1886 supprimiu um dos outros partidos de medicina.

As tropelias da camara a tal respeito manifestam-se em duas palavras: havia em janeiro de 85, no concelho de Ovar, 1 partido de medicina e 3 de cyrurgia; em fevereiro immediato a camara criou mais um partido de medicina; em outubro do mesmo anno criou a camara mais outro partido *exclusivamente* de cyrurgia, de forma que ficavam subsistindo em Ovar 6 partidos; em fevereiro de 86 demittiu um dos medicos, e supprimiu em seguida um dos partidos de medicina, de forma que ficaram subsistindo ainda 5 partidos, isto é, mais um do que havia em igual mez do anno anterior. Isto só pode ser serio para o *Correio da Manhã*.

Sobre a demissão do medico, o sr. dr. Cunha, só diremos ao *Correio da Manhã* que o processo que lhe serviu de base é a cousa mais infamemente ridicula que se tem visto.

A Junta Geral, não confirmando essa torpissima e indecente deliberação, obrou dentro das suas attribuições legaes. O *Correio da Manhã*, dizendo o contrario, revella a mais crassa ignorancia das leis administrativas. Escrever para publico, e sobre assumptos serios como este, sem saber o que diz, é provocar a gargalhada e o desprezo. Pense n'isto o collega, para não cahir n'outra.

TESTEMUNHO HONROSO

Do *Progresso* transcrevemos as linhas com que elle precedeu uma representação dirigida a el-rei pelos povos da ilha das Flores, para que continuasse a administrar justiça n'aquella comarca o sr. dr. Antonio Henriques Rodrigues da Costa, ultimamente transferido como juiz para a comarca de Baião. Transcrevemos tambem da mesma folha a alludida representação, que nos consta fora firmada por as pessoas mais gradas e qualificadas d'aquella parte dos Açores, sem distincção de côres politicas.

Sabemos particularmente que o sr. dr. Rodrigues da Costa exerceu com toda a independencia as funcções da sua magistratura, fazendo justiça sem ver quem lha requeria. Encontrou alli uns certos costumes que lhe pareceram avessos ao bom direito. A auctoridade administrativa da ilha entendia que era omnipotente, e chegou a tal ponto a sua arbitrariedade, que achando-se em exercicio o juiz substituto, prendeu-o, encerrando-o na cadeia!... E como este facto, outros muitos, que mostravam a má orientação d'aquella gente.

O sr. Rodrigues da Costa restabeleceu a ordem, processou o administrador, e fez com que se cumprisse a lei. Louvor lhe cabe por isso, e a imprensa registando os factos, honra-se, honrando a magistratura judicial.

Eis as transcripções do *Progresso*:

«Publicamos com muita satisfação um documento muito honroso para o sr. dr. Antonio Henriques Rodrigues da Costa, juiz de direito ultimamente transferido, a requerimento seu, da comarca da ilha das Flores para o continente. E' uma representação dirigida a el-rei por toda a gente que sabe escrever n'aquella comarca, onde se põem em evidencia as qualidades que sobresaem d'aquelle cavalheiro e os serviços que fez aos povos d'aquella comarca.

E' como segue:

«*Senhor*!—Aos pés do throno de vossa magestade vem os abaixos assignados, proprietarios e habitantes da comarca da ilha das Flores, archipelago dos Açores, como subditos fieis e amigos da ordem e da justiça, manifestar a magua de que se sentem possuidos ao saber que pelo governo de vossa magestade foi concedida licença ao actual juiz de direito proprietario d'esta comarca, o dr. Antonio Henriques Rodrigues da Costa, para ausentar-se para o continente.

Não è, senhor, a malquerença áquelle magistrado que faz com que nos mague a concessão da licença que lhe foi dada pelo governo de vossa magestade para elle se ausentar d'esta comarca, mas sim o entranhado amor, affeição e sympathia que por elle temos, já por reunir á sua vasta illustração um caracter honrado e altamente justiceiro, já por n'elle reconhecermos a hombridade d'um perfeito cavalheiro e os dotes que caracterisam um magistrado integerrimo e amigo da ordem e paz publica, que tem feito constantemente respeitar n'esta malfadada comarca, onde é alcunhado com o honroso cognome de «Pae do povo», alcunha esta por elle bem merecida, chegando na sua bondade a prescindir, em muitos inventarios orphanologicos, dos seus emolumentos a favor dos orphãos e viuvas n'elles interessados.

E', pois, tudo isto o que nos leva aos pés de throno de vossa magestade para implorar-lhe a graça de nos deixar entre nós por mais algum tempo o referido magistrado, e tambem a convicção profunda em que estamos de que com a sahida d'elle a comarca recahirá mais uma vez na desordem, que tão funesta lhe tem sido para o seu desenvolvimento.

E' isto o que ousamos esperar da alta justiça de vossa magestade, confiados em que vossa magestade sempre soccorre os subditos que se lhe acercam do throno a fazer um pedido justo e equitativo, e tendente ao bem estar geral.

Deus conserve a preciosa vida de vossa magestade e da real familia por muitos e felizes annos, como nós os portuguezes havemos mister.

Villa de Santa Cruz da ilha das Flores, 9 de novembro de 1885.

(Seguem-se as assignaturas, todas reconhecidas por tabellião.)

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Chegou aqui no sabbado, e partiu hontem para Caminha, o nosso intelligente amigo o sr. dr. Manuel Nunes da Silva, distincto delegado do procurador régio ultimamente transferido para aquella comarca.

— Tem passado bastante incommodada de saude, com uma angina agudissima, a respeitavel esposa do nosso honrado e velho chefe, o sr. Manuel Firmino. Hoje porém está já muito melhor, com o que sinceramente folgamos.

— Passou aqui na quinta-feira ultima, em direcção a Condeixa, onde foi visitar sua estremosa mãe que tem estado gravemente doente, o nosso prestimoso e distincto correligionario, o sr. dr. Simões dos Reis, chefe do partido progressista de Oliveira d'Azemeis, e vice-presidente da Junta Geral d'este districto.

— Veio a Aveiro passar o feriado de domingo o nosso amigo e talentoso quintanista de Direito, o sr. João Xavier de Moraes Cabral.

— Regressou hontem á sua casa de S. Pedro do Sul a sr.ª baroneza de Palme. Acompanhou-a sua interessante filha, a ex.ma sr.ª D. Anna Moniz. Seu filho, o sr. Antonio Cardoso Moniz, que veio passar dois dias com suas estimaveis parentas, partiu hontem mesmo para Barcellos.

— Esteve aqui no domingo o nosso presado amigo o sr. dr. Albano de Mello, digno governador civil de Castello Branco. S. ex.ª regressou n'esse mesmo dia á sua casa d'Agueda.

— Foram hontem á noite para a Pampilhosa, assistir á passagem da formosa princeza D. Amelia, os srs. governador civil Manuel Firmino, secretario geral dr. Massa, delegado do thesouro Diniz Kopke e os nossos collegas Marques Gomes e Francisco de Magalhães.

Para os festejos.—Tanto d'esta cidade, como dos seus contornos, e differentes concelhos do districto, teem partido para a capital centenares de pessoas em todos os comboios.

Incommodo.—O sr. Rufino Cesar de Sousa Monteiro, vice-presidente da camara d'esta cidade e um dos caracteres mais lidimos que conhecemos, tem soffrido mais gravemente n'este ultimo tempo da ictericia, molestia de que ha muito soffre. Verdadeiros amigos de tão respeitavel cavalheiro, fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

Theatro Aveirense.—Tivemos as trez recitas annunciadas da companhia do Principe Real, e hontem deu-nos ella mais um espectaculo em beneficio da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos. Apesar d'aquellas serem em noites seguidas, a concorrencia foi extraordinaria, principalmente no domingo. A casa hontem estava mais de meia, não obstante o grande numero de pessoas que d'aqui foram para as festas, e para a Pampilhosa, onde hoje de manhã passou a princeza D. Amelia d'Orleans.

Audiencia geral.—No sabbado foi julgado Francisco Esteves da Eira Junior, d'Angeja, accusado de haver cortado com os dentes um bocado da orelha esquerda de João Nunes Berbigão. Foi advogado de defeza o nosso collega dr. Barbosa de Magalhães. O jury deu o crime por não provado.

Hoje é julgada uma pobre mulher accusada do furto d'umas opas, que confessou. E' tambem seu defensor o sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Necessidade urgente.—E' necessario estabelecer sem perda de tempo as rondas nocturnas, e o facto de domingo deve aconselhar o sr. administrador do concelho, para não afrouxar no empenho de policiar a cidade, ainda nas noites de mais claro luar. N'aquelle deserto da praça da Fructa, houve quem depois da meia noite tentasse arrombar uma das portas do estabelecimento do sr. Vinagre, não contando com a gente que sahia do theatro, e que desfez ao meliante a tramoia que de dia havia planeado. Vejam até onde chegou o desaforo dos amigos do alheio.

Felizmente o caso foi presenceado pelos transeuntes, resultando ser capturado o gatuno, que se fingiu surdo-mudo, mas que afinal fallava e ouvia distinctamente. Foi-lhe encontrado um saco com a ferramenta do officio, isto é, umas brocas mal encabadas, e algumas chaves e gazuas.

O gajo entrou logo na cadeia por ordem do sr. administrador substituto.

Apontamentos.—A'cerca do sujeito a que nos referimos na noticia precedente, recebemos as seguintes informações:

«Averiguando em Canellas se faltava o tal mudo que ahi está prezo, é verdade elle faltar aqui ha dias, e a familia está persuadida de que elle está na fabrica de louça d'Angeja. O mudo é filho de José Moreira, da rua da Mata de Canellas, é conhecido por ladrão, e já se lhe tem encontrado alguns roubos.»

Eis a vera effigie do sujeito que tentou arrombar as portas do estabelecimento do sr. Vinagre na noite de domingo. Estes apontamentos biographicos offerecemol-os á policia d'Aveiro.

O criminoso.—Está já entre ferros o individuo sobre quem recaem graves suspeitas de ter roubado ha dias o sr. Francisco Lopes, com estabelecimento na rua do Sol. O homem no dia do roubo tinha ido alli empenhar um relogio. Depois de feito seguiu para [illegible] lados da estação, pernoitando em uma das casas de hospedes que alli ha, passando a noite a jogar, e perdendo mais que a importancia levantada sobre o relogio. De madrugada tomou bilhete para o comboio do correio, e foi para o Porto. Ha testemunhas que dizem que o sujeito antes do roubo lhes perguntára se o sr. Lopes ficava na loja, e se deixava alli o dinheiro ou o levava para casa. Tudo isto somado levou a policia a exigir a sua captura.

A final foram encontral-o nos trabalhos do porto de Leixões. Lá andava transformado em operario. Trasido á presença do sr. administrador d'este concelho, confessou que tinha empenhado o relogio ao sr. Lopes, negando porem que o tivesse roubado. Não lhe foi encontrado o dinheiro, e já não estavam em seu poder os objectos de ouro de que se tinha apropriado. Esta circumstancia não quer dizer, que não fosse elle um dos fautores do crime.

A auctoridade prosegue nas averiguações, e o prezo foi já entregue ao poder judicial.

Roubo.—No domingo, no logar da Oliveirinha, foi roubada a uma pobre mulher uma importante quantia de dinheiro, que poucos dias antes ella recebera de pessoas que lh'a deviam, e que guardára n'uma caixa. O larapio era de certo pessoa que sabia da existencia do dinheiro, n'aquella occasião. Não houve arrombamento externo: a porta da casa era tão mal segura, que facilmente com os dedos se podia correr a lingueta da fechadura. A caixa é que foi arrombada. O meritissimo juiz de direito, logo que teve noticia do facto, partiu para o local, a fim de proceder ao exame, e ás necessarias indagações, que proseguem.

Naufragio.—Soube-se no domingo n'esta cidade, por telegramma, que perto de New-York naufragára a barca d'esta praça *Prefet Paul Feart*, do commando do nosso patricio, o sr. Antonio da Silva Pereira. Ia de Trindade para Baltimor, com carregamento de assucar e melaço. O navio estava seguro nas companhias *Douro, Confiança e Segurança*. A tripulação foi salva.

Inspecção.—Teve logar no dia 15 a inspecção militar d'este mez, sob a presidencia do sr. tenente coronel do 18, Pereira d'Azevedo, sendo regularmente concorrida. Houve 11 remissões, na importancia de 1:720$000 reis.

Juros d'inscripções.—Já se recebem na repartição de fazenda d'este districto as relações dos juros do 1.º semestre d'este anno e semestres atrazados, até ao dia 10 de junho proximo.

Monumento a José Estevão.—Da sollicita commissão do monumento ao grande tribuno acabamos de receber o seguinte:

—

A Commissão promotora do monumento a José Estevão faz publico que, tendo de fazer o 1.º pagamento da modellação da estatua, vae por isso mandar proceder á cobrança do resto da subscripção ainda em divida, sendo o sr. Manuel Simões Amaro Junior, d'esta cidade, o encarregado de fazer esta cobrança.

Aveiro 16 de maio de 1886.

O Presidente

João da Maia Romão.

O preço da carne.—Por muita parte, em razão da baixa do gado, tem descido o preço da carne de vacca, excepto aqui. Em attenção, pois, a essa descida, contamos que tambem n'esta cidade, os srs. marchantes abaixem o preço, visto que se o gado subisse era certo pagal-a já mais cara.

Trabalho no mar.—Tem havido trabalho no mar em todos os dias d'esta semana. A pesca é petinga e chicharro—tudo de pouco valor.

Pesca no Algarve.—São do *Progresso do Algarve* de 16 as seguintes noticias:

Hontem e ante-hontem entraram nas armações do Ramalhete e do Cabo de Santa Maria grande numero d'atuns. O preço dos primeiros peixes que se pescaram regulou por noventa e tres mil reis a duzia.

— Tem continuado haver abundantes pescas de sardinha, desde o Cabo de Santa Maria até ao Cabo de S. Vicente; teem sido, porem, escassas a sotavento d'esta provincia.

Noticias Diversas

O casamento do principe real.—Refere as *Novidades* que se despacharam na quarta-feira na alfandega as seguintes *toilettes*: Para sua magestade a rainha:

Toilette de recepção de setim *cardinal* bordado a oiro, com o respectivo manto da mesma côr forrado de arminho. *Toilette* de passeio, de setim *ibis*, com ricas applicações de *passementerie* de seda e *jais* da mesma côr e com guarnições de rendas creme. *Toilette* de setim lilás, com riquissimas rendas de Chantilly e Alençon.

Para a sr.ª duqueza de Palmella, duas *toilettes*, uma de setim branco, bordada a oiro e perolas, e outra de *faille* côr de rosa, com listas verde-mar, e ricas guarnições de Chantilly e Alençon.

Para a sr.ª marqueza do Fayal um vestido de toukim branco, com guarnições de rendas e bordados a oiro.

Para a sr.ª viscondessa de Seisal, farda de dama, de *moire* branco, com *devant* de setim bordado a perolas e manto de *faille* azul.

Para a sr.ª viscondessa de Mossamedes, duas *toilettes*, uma de setim *damassé* branco, com guarnições de rendas de Bruxellas, e manto de setim azul; e outra de *faille* lilaz, com listas de velludo *épinglé* e guarnições de Chantilly.

— Os imperadores da Russia e do Brazil deram missão especial aos seus embaixadores para os representarem no casamento.

— No dia 20 chega o marquez de Hachisuck, que vem representar o Japão.

— O nosso presado collega do *Commercio do Porto* recebeu de Pariz o seguinte telegramma datado de 17, ás 4 h. e 30 m. da tarde:

«Partiu para Portugal a princeza Amelia de Orleans, e qual recebeu com o sorriso nos labios as homenagens que lhe fôram prestadas. As flores enchiam o wagon que a conduzia. A' part.da esteve presente o sr; conselheiro Andrade Corvo. Os principes de Orleans mostravam-se muito satisfeitos. A entrada na *gare* foi vedada ao publico, achando-se alli apenas alguns amigos escolhidos, que s[illegible] a partida.—*La Fresnaye.*»

— S. S. o Papa Leão XIII concedeu a benção apostolica aos augustos noivos o principe D. Carlos e a princeza D. Amelia.

Folhetim

THEATRO AVEIRENSE

AS RECITAS DA COMPANHIA DO THEATRO PRINCIPE REAL DO PORTO

A direcção do Theatro Aveirense proporcionou-nos ultimamente algumas noites agradaveis, contractando a companhia do Principe Real, do Porto. E hoje, que o gosto do publico se vae pronunciando pela opereta, esta vinda não podia deixar de produzir excellentes lucros e um ruidoso successo para a companhia. Entre artistas que a compõem ha muitos de [illegible] deiro merito.

Dias, José Ricardo, Carmen, Thomazia Velloso, Fantony, Belmira, Bensaude, Setta da Silva, etc., affirmaram mais uma vez os explendidos recursos de que dispõem. A primeira opereta que levaram á scena,

A AVE AZUL

agradou bastante, conseguindo arrancar a essa plateia, tão pouco enthusiasta, os bravos, bem merecidos.

A muzica da *Ave azul* é bonita, não apresentando comtudo aquelle cunho de originalidade que se nota em algumas das composições de Lecocq. O *dueto* do primeiro acto entre Fantony e Maria da Luz, o *andante* de Fantony, quando se nos apresenta o joven seminarista, os *couplets* do capitão no segundo acto e o *côro* de aventureiros no 3.º, são trechos bem escriptos na verdade e que o publico applaudiu calorosamente.

Dias, o perfeitissimo Dias do Principe, deu-nos o completo typo do fidalgo avarento, fatuo e pouco licito a respeito de opiniões politicas; foi sempre naturalissimo e de uma verdade escrupulosa, até nas phrases mais insignificantes.

Bensaude, correcto na dicção e no canto, apesar de n'esta peça não poder patentear os recursos de que dispõe a sua voz extensa, um poucochinho exagerada talvez, tem formado já na nossa opinião um conceito elevado.

Thomazia Velloso, na parte encantadora de *Rosinha*, foi correctamente e conseguiu os applausos de todos, especialmente nos *couplets* do primeiro acto, na venda e nos da feiticeira do segundo.

Maria da Luz, disse bem, com graça e sem exagero.

As honras da noute cabem porém incontestavelmente, depois de Dias, a Thomazia, e a Fantony, a gentilissima actriz que ainda ha pouco fez a sua estreia, e já hoje se nos apresenta uma artista conhecida de todas as plateias e por todas applaudida.

No 1.º acto, no *andante* do seminarista, um dos melhores trechos musicaes da peça, Fantony arrancou á plateia uma prolongada salva de palmas; a ingenuidade do papel foi perfeitamente comprehendida por esta formosa italiana, que veio colher os louros da scena no nosso bello Portugal. Aquelles *sim, minha senhora*, foram ditos com uma verdade irreprehensivel, e no *duetto* com *Rosinha* o publico applaudiu-a com enthusiasmo, não só pela sua voz, pequena mas bem timbrada, principalmente nos agudos, como pelo mimo e expressão que revelou n'este admiravel trecho.

No 2.º acto, a plateia fez-lhe uma chamada especial, no duetto com Setta da Silva, um rapaz cheio de mocidade e intelligencia, a quem prognosticamos um futuro esperançoso.

Este artista, que conhecemos pela primeira vez agora, honra a companhia a que pertence. Todos os seus trabalhos são perfeitissimos, todas as suas *graças* teem graça.

* * *

O THESOURO ESCONDIDO

é uma zarzuella em 3 actos, de D. Ventura de la Vega. Está cheio de bellos trechos musicaes, sendo o côro de abertura, o dueto de *Lucas* com *Magdalena*, a aria do baritono, o concertante final do 2.º acto, umas d'essas bellezas que bastam para se reconhecer no seu mimoso conceptor um dos mais brilhantes genios. Tem todos os pujantes rasgos de audaciosa concepção, em que Barbieri, o velho e venerando maestro hespanhol, é tão fecundo, e que quasi nos transporta ás regiões desconhecidas do ideal. Certamente esta admiravel torrente de sons, tão harmoniosos, tão completos, é o unico reclame á peça, cujo merecimento litterario é mediocre e insufficiente.

Todos os artistas foram correctamente, sendo bastante applaudidos Dias, Bensaude, Setta da Silva, e Fantony, cuja voz se resente um poucochinho d'aquelle *pic* hespanhol, que ainda assim a torna engraçadissima.

* * *

O TESTAMENTO AZUL

representou-se na segunda-feira, e foi o espectaculo em que José Ricardo e Thomazia Velloso colheram os imarchessiveis louros d'uma victoria explendida.

O *Testamento azul*, zarzuella em 3 actos, é, n'este genero, uma composição perfeita. O entrecho é inverosimil; a excentricidade do testador que lega uma herança fabulosa áquelle dos seus parentes que menos tiver sentido a perniciosa influencia do amor, é de um absurdo pasmoso, proporcionando contudo bastantes incidentes comicos, que conservam a plateia em constante hilaridade.

Toda a gloria da noute coube a José Ricardo e a Tomazia Velloso, como dissemos já.

José Ricardo, um excellente moço, bem digno d'uma amizade sincera, é um sympathico artista, e deu-nos no *primo Serafim*, um typo explendido do rapaz ingenuo, affeminado, mas não insensivel ás settas de Cupido. Disse com inexcedivel graça e com uma correcção magistral, conservando durante toda a peça, perfeita egualdade no papel. Ao entrar em scena, foi recebido com uma prolongada salva de palmas; no fim do 2.º e 3.º actos o publico fez-lhe chamadas especiaes e enthusiastas, bem sinceras, e bem merecidas.

No proximo numero fallaremos mais detidamente dos meritos d'este perfeito, d'este completo artista, visto que o espaço e o tempo nos rouba hoje a esse agradavel dever.

José Ricardo deixa em Aveiro muitas saudades, e, rapazes sinceramente amigos seus que nos prezamos de ser, sentimol-a bem. Temos porém a esperança de o vêrmos em breve, porque nos promette cooperar com o seu profundo talento para uma recita que aqui vae dar-se.

Thomazia Velloso, sem contestação uma das mais formosas glorias do theatro portuguez, essa meritissima actriz a cujo talento prestamos a mais devotada admiração, disse muito bem, muito bem; o papel de *miss Palmyra* encontrou n'ella uma primorosa interpetre. Em todas as recitas anteriores admiramos bastante esta gentilissima actriz, mas aqui, foi de uma verdade magistral, sendo nas coplas da ingleza no primeiro acto, e o *brinde* e a *habanera* no terceiro enthusiasticamente applaudidos, e bisados n'este ultimo trecho.

A Belmira agouramos um futuro brilhantissimo. Foi com toda a primorosa simplicidade do seu papel pequenito, pequenito como ella, e d'uma graça surprehendente.

Setta e Silva no espirituoso papel de Tabellião, inimitavel.

Fantony e *Bensaude* correctos, apesar de não terem n'esta zarzuella occasião de patentear mais uma vez o seu talento.

* * *

O ASSASSINO DE MACARIO

é uma engraçada comedia franceza, de que Camillo Castello-Branco fez uma explendida versão, passando a scena em Porto e Braga.

Fica para o numero seguinte [illegible] ciação á peça e ao desempenho personagens, reservando tal essa occasião quatro palavras modo por que se houve *Co* culminante, o typo mais [illegible] ta, sem contestação, de talento, no seu genero

— A junta geral do districto da Guarda resolveu nomear uma commissão para cumprimentar a princeza D. Amelia na occasião da passagem de S. A. n'aquella cidade e para fazer as devidas demonstrações de rogosijo. Essa commissão ficou composta dos srs. visconde de S. Pedro do Sul, dr. João Manso, Julio de Andrade, Frias Pinto, Ribeiro de Portugal, Manuel Lopes de Souza, Monteiro Limão, Antonio Joaquim Ribeiro, Saraiva Caldeira, Antonio Augusto C. da Silva Cardoso e José da Fonseca Nunes. A camara da mesma cidade resolveu tambem comparecer na *gare* e bem assim convidar 28 cavalheiros para representar a cidade. A *gare* e estação da Guarda serão adornadas e embandeiradas e tambem illuminadas, quanto possivel, bem como os altos da cidade fronteiros ao caminho de ferro, se a passagem dos augustos personagens se realisar de noute. Por esta occasião tocará uma banda de musica, será lançado fogo do ar, e haverá repique dos sinos. Finalmente, no dia da celebração do casamento, deve a camara assistir a um solemne *Te-Deum*, na cathedral, para o qual convidará as corporações, auctoridades e tambem, por meio de editaes, todos os habitantes da cidade, e aos quaes rogará queiram illuminar externamente as suas casas na noute do referido dia.

— Está já em Lisboa o sr. Jules Cardon, redactor do *Soleil*, cujo director é o sr. Eduard Hervé, um dos primeiros e mais respeitados jornalistas de Pariz e membro da Academia Franceza. Tambem está o sr. D. Manuel Barrilado, director do *Independente*, de Linares.

Devem chegar, por estes dias, os srs. Dick de Lonlay, desenhador do *Monde Illustré* e correspondente do *Moniteur Universel*; Ferrari, do *Gaulois*; Unilard, que collabora no *Français* e no *Monde*; e Rafael Sunyé, que collabora em folhas francezas e inglezas. E' provavel que tambem venham para assistir aos festejos, o sr. Yan, do *Gil Blas*; e Stany, do *Événement*.

Casamentos reaes no mez de maio. — 1 de maio de 1843.—Casamento da princeza do Brazil, D. Francisca Carolina, filha de D. Pedro IV e de sua primeira mulher, com o principe de Joinville.

6 de maio de 1184.—Casa por procuração na cidade do Porto a infanta D. Thereza, filha de D. Affonso Henriques, com Philippe, conde de Flandres.

6 de maio de 1447.—Casamento de D. Affonso V, com sua prima D. Isabel.

11 de maio de 1859.—Casamento da infanta D. Maria Anna, filha de D. Maria II, com o principe Jorge da Saxonia.

13 de maio de 1810.—Casa pela primeira vez no Rio de Janeiro a princeza da Beira, D. Maria Thereza filha de D. João VI, com seu primo D. Pedro Carlos, infante de Hespanha.

13 de maio de 1817.—Celebrou-se na côrte de Vienna d'Austria o casamento por procuração do principe D. Pedro de Alcantara, depois rei, com a archiduqueza d'Austria, D. Maria Leopoldina, filha do imperador Francisco II.

17 de maio de 1383.—Casamento em Badajoz da infanta D. Beatriz, filha de D. Fernando I, com el-rei de Castella, D. João I.

18 de maio de 1858.—Casamento da infanta D. Catharina, filha de D. João IV, com Carlos II de Inglaterra.

18 de maio de 1858.—Casamento de el-rei D. Pedro V, com a princeza D. Estephania.

21 de maio de 1455.—Casamento da infanta D. Joanna, filha de D. Duarte, com Henrique IV de Castella.

Ordem do exercito. — Publicou-se a ordem do exercito n.º 31:

Nomeia commandante da 4.ª divisão militar o general João Leandro Valladas.

Agraciados com o grau de cavalleiros da ordem militar de S. Bento d'Aviz os capitães de infanteria 4, Costa; de infanteria 17, Affonso; e o major reformado Florido Emilio Carneiro.

Promoções—Promove a general de divisão o general de brigada João Leandro Valladas.

Para o estado maior de cavallaria em coronel o tenente-coronel Antonio Abranches de Queiroz; em major para cavallaria 1, o capitão de cavallaria 9, José de Souza Barradas; em capitão para cavallaria 9, o tenente de cavallaria 8, Alberto Mimoso da Costa Ilharco; em capitão para caçadores 8, o tenente da guarda municipal de Lisboa, Primo José da Rocha.

Transferencias—Arma de cavallaria —Para o 1, o coronel do estado maior da arma D. Policarpo Matheus Xavier da Silva Lobo, e o tenente coronel Oliveira; para o 2, o coronel do 1 Manuel Alves de Souza e o tenente coronel do 6 Antonio Maria Bivar de Sousa; para o 5, o tenente coronel do 1 Frederico Augusto d'Almeida Pinheiro; para o 6, o tenente coronel do 2 barão de Albufeira (José Maria de Vasconcellos e Sá), e para o 9, o coronel do estado maior da arma, Luiz Pires Monteiro Bandeira.

Arma de infanteria—Para o 3 o capitão do 19, Sequeira; para o 4 o tenente do 24, Souza; para o 7 o alferes do 24, Antonio Augusto da Silva Franco Castanheira; para o 8 o alferes do 3, Azevedo; para o 13 o alferes do 18, José Augusto Teixeira; para o 18 o alferes do 13, Pinheiro, e para o 19 o capitão do 13, Chaves.

Nomeia para vogal do tribunal superior de guerra e marinha o general conde da Fonta Nova.

Novas de Fouge

Furacão de Madrid.—O *Imparcial* drid dá os seguintes promenores a o d'esta grande desgraça.

as seis e meia e sete da tarde tem em Madrid um phenodinario. Toldou-se o céu, gotas de chuva e sopron ania. O furacão desenda com uma furia esel descrever ao certo vento arribava os transeuntes, as cordas de agua envolviam-os, o espaço era illuminado a cada instante pelos relampagos successivos, batiam estrondosamente as portas e janellas, estalavam as vidraças, voavam as telhas, as chaminés, os chapeus, apagavam-se as luzes, voltavam-se as carruagens, caíam as arvores, os transeuntes refugiavam-se nas lojas e nos cafés, como se fugissem d'um inimigo invisivel!... A violencia do phenomeno durou pouco mais de cinco minutos.

A principio não se calcularam bem os estragos que o furacão fizera. Mas o aspecto que a cidade apresentava, os destroços que se observavam nas ruas, as carruagens voltadas, as arvores arrancadas, os candeeiros partidos, deram a primeira idéa de que não era uma d'essas tempestades ordinarias, mas sim um phenomeno nunca presenceado n'esta zona da peninsula.

Pouco a pouco corriam noticias aterradoras. Fallava-se de mortos, de feridos, de edificios abatidos. Soube-se que nas casas de soccorro mal podiam attender aos pedidos de medicos e de macas, que de toda a parte faziam. Os hospitaes começaram a receber uma multidão de feridos. Na lavanderia imperial, quando occorreu o cyclone, havia uma enorme concorrencia. Cerca de duzentas mulheres, que alli trabalhavam, estavam a terminar a faina do dia, recolhendo as roupas e levando-as ao seccadoiro.

Uma nuvem de pó fluctuou nos ares. Grupos de mulheres e homens, gritando, fugiram espavoridos em todas as direcções. Do lavadeiro ficou apenas de pé uma das tres naves. Todo o resto foi destruido pelo vendaval, ficando apenas a cobertura de ferro, que caiu do alto, convando a mesma fórma.

O espanto d'aquelles que não foram victimas, mas apenas espectadores da catastrophe, deixou-os um instante como suspensos e sem coragem para outra coisa que nao fosse a grita ria por soccorro.

Debaixo d'uma parte da parede abatida foi tirada uma velha de sessenta annos com as pernas quebradas.

Na extremidade da lavanderia saiu por si mesma d'uma pilha de roupa, que tinha caido, salvando-se por milagre, uma formosa rapariga, a qual, sem receber a menor contusão, ficou, todavia, desmaiada com o susto.

Ouviu-se de toda a parte gritos e lamentos!

Duas mulheres, que trabalhavam juntas, foram encontradas esmagadas, tendo uma d'ellas enterrada a cabeça no peito da outra.

A's 11 horas da noite, quando tinha já serenado a tempestade e se procedeu á remoção do entulho, o aspecto que apresentava a lavanderia era verdadeiramente consternador. Viam-se montões de roupa caidos e alagados pela chuva, ruinas das paredes, etc., etc.

A uma esquina da nave, que ficára de pé, havia um horrivel grupo: tres mulheres mortas. Mais abaixo, á direita das naves derruidas, havia uma fila de dez cadaveres, sendo tres de homens e os outros de mulheres. Um dos cadaveres das mulheres apresentava uma grande ferida na cabeça, da qual tinha saido toda a massa encephalica; outro tinha o peito collado completamente ás costas. Em compensação, o cadaver d'uma rapariga não tinha o menor ferimento.

Só na lavanderia o numero dos feridos sobe a 25, mal se sabendo ainda o numero dos mortos.

A questão politico-ecclesiastica na Allemanha.—A questão politico-ecclesiastica continúa satisfatoriamente os seus tramites. Segundo noticias de Berlim, o ministro dos cultos fez saber ao presidente da camara dos deputados da Prussia que o governo, em virtude de uma nota de 23 de abril, havia participado ao Vaticano que estava disposto a proceder a uma revisão mais extensa das leis de maio.

O governo, com grande satisfação sua, recebeu, em 25 do mesmo mez, uma nota do cardeal Jacobini, na qual diz que o Padre Santo, afim de dar ao governo prussiano um novo e mais particular testemunho da sua confiança e da sua boa vontade, auctorisou o cardeal, secretario de Estado, para manifestar áquelle governo que desejava que a notificação da nomeação dos parochos para as egrejas actualmente vagas começasse desde já sem dilação alguma O cardeal exprime a esperança de que o governo apreciará todas a importancia da presente communicação, debaixo do ponto de vista das facilidades que presta ao restabelecimento e paz religiosa.

Remedio contra o enjôo.—O dr. Manasseine, de S. Petersburgo, assegura que a cocaina é o melhor remedio contra o enjôo e as nauseas que as mulheres experimentam nos primeiros mezes do seu embaraço. Em diversas occasiões fez o medico russo uso de uma solução de 2 1/2 grammas de muriato de cocaina em cinco onças de agua destillada, administrada por pequenas colheres de tres em tres horas, com o que evitou o enjôo de algumas pessoas que sempre que embarcavam soffriam d'este mal. Todas as experiencias feitas foram coroadas do melhor exito. O dr. Manasseine recommanda o muriato de cocaina como o remedio mais efficaz para o enjôo e accrescenta que além d'isso tem a propriedade de tonificar o estomago.

A PRINCEZA AMELIA

O *Messager endois*, jornal da ville d'Eu, publica o seguinte artigo, consagrado á gentil princeza Amelia de Orléans.

«A proxima partida da princeza Amelia para Portugal, onde deve, como se sabe, desposar brevemente o duque de Bragança, principe herdeiro do throno, deixa a mais viva saudade em todos quantos a conheceram e poderam apreciar as qualidades do seu nobre e generoso coração.

E' impossivel encontrar reunidas em uma só pessoa tanta simplicidade, tanta distincção, uma graça tão captivante e uma tão bondosa affabilidade para todos.

Um grande numero de habitantes da ville d'Eu e dos arredores solliciteram a honra de comprimentar ainda uma vez a princeza Amelia antes da sua partida. Sabemos que a sua intenção é offerecer ramos a sua alteza real, na occasião em que forem recebidos.

Para corresponder a esse desejo, que tanto o impressiona, o sr. conde de Paris abrirá no proximo domingo ao publico o parque e os jardins reservados do seu castello.

A affluencia de visitantes será consideravel. Quererão muitos aproveitar essa occasião para dizer adeus a essa nobre filha da casa de Orléans, destinada a ser um dia rainha de Portugal, e que, seguindo o exemplo de sua mãe, aprendeu a reinar, exercendo em todos os que a cercam o irresistivel imperio da sua bondade, da sua graça e da sua caridade.

Abriu-se uma subscripção publica entre todas as meninas d'Eu, com o fim de offerecerem uma lembrança á princeza, e quer cada qual levar a sua offerta, ainda que modesta, para tomar parte n'esta tocante manifestação.

As senhoras offerecem-lhe um magnifico Christo de marfim, em cujo quadro de ebano, obra prima da industria parisiense, se veem as armas de Portugal e as da casa de França.

O clero offerece á princeza um valiosissimo relicario contendo uma reliquia de S. Lourenço, padroeiro da egreja, em que a princeza fez a primeira communhão.

As senhoras do departamento da Seine Inferieure offerecem um leque cravejado de pedras preciosas, e reproduzindo as vistas do castello d'Eu.

As senhoras do departamento das Ardennes teem a mesma idéa, e as da Bretanha encommendaram uma imagem de prata de Nossa Senhora d'Auray.

O arcebispo de Rouen enviou á princeza uma Virgem de marfim, precioso trabalho d'um antigo artista florentino.

Em Paris abriu-se uma subscripção publica de 1 franco por pessoa, com o fim de offerecer a gentil noiva um navio de prata, ornado de perolas e diamantes. Essa subscripção sobe já a uma somma consideravel.

Se uma subscripção semelhante se tivesse organisado em Ville d'Eu, teria o mesmo exito. E, para prova, basta narrar o que alli aconteceu ha poucos dias.

Sabendo um operario que se tinha aberto uma subscripção entre as meninas, apressou-se em ir entregar a sua offerta; mas, quando lhe disseram que era só de meninas a subscripção, o pobre homem retirou se contristado. A gentil princeza, sabendo isso, mandou-lhe dizer que colhesse uma flor e que lh'a entregasse, que para ella tinha isso tanto valor como a joia mais preciosa.

A princesa Amelia fez a sua primeira communhão, na egreja de S. Lourenço d'Eu, no dia 20 de junho de 1878.

O *Messager endois*, d'essa data, narra da seguinte maneira esse acontecimento:

A joven princeza tomou logar entre as alumnas das senhoras da Providencia. Destacava-se, não só, pela distincção e elegancia do seu porte, mas pela sua modestia e pela sua profunda devoção.

Quiz assignalar este dia piedoso por um acto de beneficencia. Doze rapariguinhas pobres, que fizeram com ella a primeira communhão, foram vestidas á sua custa, e todas receberam d'ella uma lembrança.

As meninas acompanharam depois a princeza até ao castello, em meio d'uma multidão, que as seguia, saudando-as com a mais profunda sympathia.»

PROGRAMMA

Damos em seguida o programma para as festividades e ceremonias que hão de ter logar por occasião do casamento de sua alteza o principe D. Carlos:

1.º

Para as festividades dos reaes desposorios haverá quatro dias de grande gala, com suspensão de serviço nas repartições do estado, onde por occasiões identicas é costume similhante pratica. As fortalezas de mar e terra e os navios de guerra portuguezes darão as salvas do estylo, sendo permittidas as illuminações, os repiques de sinos e quaesquer outras demonstrações de regosijo publico.

2.º

O primeiro dia de gala será o da celebração das ceremonias do consorcio e das bençãos nupciaes, que terá logar no dia 22 do corrente mez de maio, pela uma hora da tarde, na parochial egreja de Santa Justa e Rufina.

No segundo dia suas altezas reaes receberão no paço de Belem, pelas duas horas da tarde, as pessoas que lhes forem apresentar as suas homenagens e felicitações por tão fausto motivo.

No terceiro dia suas magestades receberão no real paço da Ajuda, pelo meio dia, as felicitações do corpo diplomatico e seguidamente as homenagens das commissões nomeadas pelos corpos legislativos, camara municipal de Lisboa, côrte, tribunaes e mais pessoas que costumam ser admittidas a similhantes solemnidades.

Sua magestade a rainha tenciona receber na mesma occasião os cumprimentos que lhe forem dirigidos pelas senhoras que costumam ter a honra de ser recebidas pela mesma augusta senhora.

No quarto dia sua magestade el-rei passará revista ás tropas da guarnição de Lisboa, formadas em parada no Terreiro do Paço, passando depois as mesmas tropas em continencia pela Avenida da Liberdade, onde estarão armadas tribunas para suas magestades e altezas e mais pessoas da real comitiva, bem como para o corpo diplomatico, camara municipal de Lisboa, membros dos corpos legislativos, côrte, tribunaes e mais corporações e representantes da imprensa assistirem ao desfilamento e continencia das tropas.

3.º

Nas noites dos dias de gala e nas seguintes suas magestades tencionam honrar com sua augusta presença os theatros de S. Carlos e de D. Maria II, e presenciar a illuminação e fogos no Tejo e differentes pontos da cidade, como fôr determinado por ordens especiaes de sua magestade el-rei.

4.º

No dia 22 do referido mez de maio, em que terá logar a celebração dos reaes desposorios, os corpos militares das diversas armas, reunidos em Lisboa, formarão alas nas ruas do transito do cortejo, conforme melhor convier ao apparato e serviço d'aquella festividade.

5.º

Sua magestade el-rei, sua magestade a rainha, sua alteza o serenissimo principe real e sua alteza o sr. infante D. Augusto, vão directamente do paço da Ajuda para a parochial egreja de Santa Justa e Rufina, onde devem chegar um pouco antes dos principes de Orleans. Com suas magestades vão os principes representantes dos soberanos estrangeiros.

Os condes de Paris, principes de Orleans, e mais principes, vão directamente do paço das Necessidades, onde se acham alojados, para o referido templo.

O serenissimo sr. infante D. Affonso vae com os principes de Orleans.

No cortejo real será guardada a ordem seguinte:

A' frente do cortejo marchará um piquete de soldados de cavallaria, servindo de batedores.

Logo os porteiros da canna, reis de armas, arautos, passavantes a cavallo e com as insignias correspondentes á sua graduação, segundo os estylos da côrte, e todos precedidos de quatro moços de estribeira.

O cortejo real, assim em relação ás pessoas da comitiva designadas para acompanharem suas magestades e altezas, como em relação aos coches para a formação do prestito, será regulado por ordem especial de sua magestade el-rei sob a direcção e inspecção do duque estribeiro mór.

Atraz do coche real, á portinhola do lado direito irá o estribeiro-mór, e á esquerda o commandante da guarda real, e, precedendo a força de cavallaria, irá a cavallo o estado maior de suas magestades e altezas.

O cortejo dos principes de Orleans será tambem regulado assim em relação ás pessoas da comitiva de suas altezas como em relação aos coches para a formação do prestito, por ordens especiaes de sua magestade el-rei sob a direcção e inspecção do duque estribeiro mór.

Fechando o cortejo seguir-se-ha uma força de cavallaria, servindo de guarda de honra.

6.º

O transito do cortejo de suas magestades, desde o paço da Ajuda até á parochial egreja de Santa Justa e Rufina, será pela calçada da Ajuda, rua da Junqueira, Calvario, S. Francisco de Paula, Janellas Verdes, Aterro da Boa Vista, praça dos Romulares, rua do Corpo Santo em direitura á do Arsenal, praça do Commercio, rua do Oiro, praça de D. Pedro pelo lado occidental e frente do theatro de M. Maria II até á referida egreja.

O transito do cortejo de suas altezas seguirá do paço das Necessidades á travessa do Sacramento, rua de S. Francisco de Paula, Janellas Verdes, e d'ahi por diante como no antecedente.

7.º

Na capella-mór do templo, que será ornado com a devida magnificencia, estarão dispostos:

O throno, da parte do Evangelho, para suas magestades e altezas reaes.

O solio e a cadeira gestatoria para o cardeal patriarcha capellão-mór da casa real, que hade officiar com o cabido patriarchal nas ceremonias religiosas.

Coxins para o mordomo mór, duques e marquezes, e logares reservados para as damas de sua magestade a rainha, officiaes-móres, ajudantes de campo, officiaes ás ordens e medicos effectivos da real camara.

Do lado da epistola, cadeiras para o cardeal bispo do Porto, para os arcebispos e para os outros bispos que concorrerem á ceremonia.

Em frente do throno logares servados para os principes representantes de soberanos e mais principes estrangeiros.

Atraz d'estes logares para as pessoas que compõem o sequito.

Logares para o ministerio, conselho d'estado, ministros e secretarios d'estado honorarios.

Atraz e encostado á parede haverá tambem logares para os conegos, protonotarios, desembargadores, beneficiados e capellães cantores.

No cruzeiro do templo, junto da capella-mór e do lado do Evangelho, haverá logares para os membros do corpo diplomatico e senhoras de sua familia, para as duquezas e mais senhoras da grandeza d'este reino, esposas dos ministros d'estado effectivos, dos conselheiros d'estado, dos ministros d'estado honorarios e dos officiaes-móres, bem como para suas filhas solteiras.

Defronte haverá logares para as deputações dos corpos legislativos e tribunaes superiores.

Em frente d'este e do lado opposto, se collocarão o governador civil, a deputação da junta geral, a commissão da camara municipal, em cadeiras da municipalidade, e as auctoridades administrativas e policiaes de Lisboa.

Do mesmo lado haverá assentos para os condes, viscondes e barões, e mais pessoas da côrte.

Do lado opposto ficarão o commandante da divisão militar e mais officiaes de mar e terra.

Para a irmandade do Santissimo da parochial egreja de Santa Justa e Rufina, haverá tambem alguns logares junto á capella-mór.

No corpo da egreja e tribunas lateraes, além do espaço destinado para estrangeiros de distincção, haverá logares do lado do Evangelho para senhoras e para as deputações de quaesquer corporações, e do lado da Epistola para funccionarios publicos e para a imprensa.

O resto do templo fica franco para o publico.

O côro no fundo do templo é destinado para a musica da capella e casa real.

8.º

Suas magestades e alteza entrarão no vestibulo do templo debaixo de um pallio sustentado pelos vereadores da camara municipal, e depois de serem recebidos á porta principal pelo cardeal patriarcha e cabido, com as ceremonias e orações do costume, caminharão debaixo de outro pallio até á capella-mór.

Desde a entrada do templo até á capella-mór caminhará ordenadamente o prestito entre duas alas de archeiros da guarda real.

Atraz e ao lado de suas magestades e alteza real irão a camareira-mór, as damas de serviço, os gentis-homens, ajudantes de campo e officiaes ás ordens, exercendo as suas respectivas funcções junto dos mesmos augustos senhores.

9.º

Em chegando á capella-mór suas magestades e altezas tomarão o logar no throno, e os principes representantes dos soberanos tomarão, como já fica mencionado, os seus logares defronte do mesmo throno.

10.º

Em se annunciando a chegada á egreja dos principes de Orleans, o mestre-sala irá informar sua alteza o serenissimo principe real, o qual, precedido do capitão da guarda e do mestre-sala, vae esperar suas altezas á porta do templo.

11.º

Sua alteza a principe real e a princeza Maria Amelia tomarão os seus logares em frente do altar-mór.

Os senhores infantes no throno, e os demais principes irão para os logares que lhes estão destinados na capella-mór em frente do throno.

12.º

O cardeal patriarcha dará principio desde logo ás preces e orações da festividade religiosa, terminadas as quaes mandará celebrar missa *pro sponsa et sponso*, ou a que fôr propria do dia, em relação ao rito da egreja.

Acabada a missa, o cardeal patriarcha descendo do solio á cadeira gestatoria, collocada em frente do altar-mór, mandará ler a dispensa, por elle mesmo concedida, para a celebração do matrimonio sem dependencia dos proclamas.

A princeza Maria Amelia e o serenissimo principe [illegible] augustos paes, irão apresentar-se ante o prelado, o qual se levantará ao approximarem-se os reaes desposados.

Collocadas convenientemente as testemunhas que para presenciarem este acto tiverem sido avisadas á ordem de sua magestade el-rei pelo ministerio do reino, o cardeal patriarcha interrogará a cada um dos augustos principes se quer tamar o outro por seu esposo.

Quando o interrogatorio fôr dirigido ao principe real, este, fazendo venia a sua magestade, como chefe da familia real, e beijando a mão de suas magestades el-rei a rainha na qualidade de seus augustos paes, prestará, com essa auctorisação, o seu proprio consentimentos perante Deus e a côrte de Portugal, para ficar desposado com a princeza Maria Amelia; a qual pela sua parte fará a mesma ceremonia para com seus augustos paes os condes de Paris.

Havidas as respostas dos augustos conjuges o cardeal patriarcha, procedendo á benção dos aneis nupciaes, mediante as orações do ritual, ha de entregal-os aos principes, para elles os trocarem entre si.

No momento em que se effectuar a troca dos aneis, será este acto annunciado por girandolas de foguetes, repiques de sinos e salvas de artilheria nas fortalezas e navios do estado.

Em seguida subirá o prelado ao altar mór, e d'alli em canto festivo lançará as bençãos nupciaes sobre os augustos esposos ajoelhados ante o mesmo altar.

Acabada esta ceremonia os augustos conjuges, dando a mão um ao outro, tomarão logar no throno.

Após este acto o cardeal patriarcha, passando do altar mór ao solio, entoará em canto solemne o hymno *Te-Deum Laudamus*, que será continuado pela orchestra e cantores da capella e casa real.

O prelado, resando ulteriormente as orações do estylo, terminará as cerimonias religiosas com a benção final.

13.º

Findos todos estes actos suas magestades e altezas acompanhados processionalmente até á porta do templo pelo prelado e cabido, segundo a ordem e ceremonial da recepção, subirão aos coches d'estado, dirigindo-se então pelo lado oriental da praça de D. Pedro, rua Augusta, praça do Commercio, rua Direita do Arsenal, rua po Corpo Santo, praça dos Romulares, Aterro, Calvario, rua da Junqueira até ao paço de Belem.

A' entrada e sahido do templo as fortalezas e navios de guerra darão as salvas do estylo.

14.º

Para o exacto cumprimento do presente programma empregarão todo o cuidado e dlligencia os officiaes móres e auctoridades competentes, a saber:

O marquez mordomo-mór expedirá as ordens necessarias para que as pessoas reaes e principes estrangeiros sejam recebidos nos logares que lhes estão destinados, com as attenções devidas á sua alta gerarchia, designando, além d'isso, os creados da casa real e moços fidalgos que forem precisos para o serviço da côrte em todas as festividades do real consorcio.

O duque estribeiro mór fará apromptar os coches de estado e ordenar o prestito real com a maior regularidade, devendo ser para isso coadjuvado por dois officiaes de cavallaria da guarda municipal com as ordenanças respectivas.

O duque commandante da guarda real mandará postar convenientemente os soldados do seu commando nos logares destinados para as festividades do regio consorcio, fazendo previa designação dos que devem auxiliar os officiaes móres e os criados da casa real que por essa occasião estiveram incumbidos do ceremonial da côrte.

O conde mestre sala proverá a todos os actos do ceremonial da côrte na festividade religiosa do consorcio real na egreja de Santa Justa e Rufina, sendo para isso coadjuvado pelos criados da casa real, pelos moços fidalgos e archeiros necessarios para a formação do prestito que ha de receber e acompanhar suas magestades e altezas dentro da egreja, para a recepção do corpo diplomatico nos seus respectivos logares, para a distribuição e collocação da corte, tribunaes, corporações e mais pessoas que assistirem a este acto, e para todo o outro serviço tendente a ordem e regularidade d'esta solemne funcção.

O porteiro mór exercerá as funcções do seu officio n'esta solemnidade religiosa.

O reposteiro mór ha de descobrir as cadeiras destinadas para suas magestades e altezas se assentarem no throno, e chegar as almofadas quando os augustos desposados tiverem de ajoelhar.

Os officiaes móres de serviço desempenharão eguaes funcções junto das outras pessoas reaes.

A camareira mór sustentará a cauda do manto real de sua magestade a rainha e a de sua alteza a princeza Maria Amelia será sustentada pela sua dama de serviço,

O governador civil no dia d'estas festividades fará exercer com a maior pontualidade toda a policia das carruagens e de quaesquer outros vehiculos que hajam de percorrer as ruas e praças do transito do cortejo real, ruas adjacentes, e bem assim tomará as disposições necessarias para manter a boa ordem e o cumprimento d'este programma na parte que depende das suas attribuições.

15.º

Para melhor facilitar e regularisar a execução d'este programma, na parte que diz respeito ás cerimonias religiosas, se pubica em seguida a planta do respectivo templo.

Paço da Ajuda, em 13 de maio de 1886.—*José Luciano de Castro.*

PRISÃO PREVENTIVA E FIANÇAS

No *Diario do Governo*, de quinta-feira, foi publicado o seguinte decreto que regula o modo por que tem de ser executado o disposto no artigo 2.º da carta de lei de 15 de abril ultimo.

«Artigo 1.º—Os réus conduzidos á presença do competente juiz por haverem sido presos em flagrante delicto, a que, nos termos da lei, corresponda processo correccional, e que forem residentes na circumscripção onde este tem de correr, serão immediatamente postos em liberdade, se, sendo conhecidos em juizo, ou provada a sua identidade, assignarem o termo mencionado no artigo 5.º

Art. 2.º—Para os effeitos d'este decreto haver-se-ha por conhecido em juizo o réu, que o fôr ou do juiz ou de qualquer dos escrivães ou officiaes da comarca.

Art. 3.º—A identidade do réu haver-se-ha para os mesmos effeitos, como provada, logo que o réu satisfaça a qualquer dos requisitos seguintes:

1.º—apresentar attestado, passado pelo parocho ou regedor da freguezia em que fôr morador, certificando ser o proprio;

2.º—Apresentar o seu signal, feito perante o escrivão, reconhecido por tabellião da comarca;

3.º—Apresentar pessoa que o conheça e que se promptifique a assignar o auto mencionado no artigo 5.º

Art. 4.º—O réu que se ache nas circumstancias mencionadas requererá ao juiz a fim de assignar termo em que declare a sua residencia e se obrigue a comparecer em juizo e a participar tambem préviamente qualquer mudança.

§ unico.—Este requerimento póde ser feito verbalmente.

Art. 5.º—O juiz, de preferencia a outro qualquer serviço, verificará se o réu é conhecido em juizo, ou se se acha provada a sua indentidade, como cumprir, e no caso affirmativo mandará em seguida tomar o referido termo.

Art. 6.º—De todos os actos referidos no artigo antecedente se lavrará um só auto que será assignado por todos quantos n'elles tiverem intervido.

§ unico.—As assignaturas do réu e da pessoa que abonar a sua identidade, quando a houver, se não souberem ou não poderem escrever, poderão ser feitas de cruz ou a rogo.

Art. 7.º—Os réus mencionados no artigo 1.º, mas que forem residentes fóra da circumscripção onde o processo tem de correr, serão tambem postos em liberdade, logo que hajam satisfeito ao disposto no antigo seguinte.

Art. 8.º—O réu que se achar nas circumstancias mencionadas apresentará em juizo pessoa que, residindo dentro da respectiva circumscripção, tome sobre si o encargo de receber as citações e intimações necessarias ao regular andamento do processo, e requererá ao juiz a fim de se tomar termo de declaração da residencia da mesma pessoa, da acceitação expressamente feita por parte d'esta do encargo referido e da obrigação do réu comparecer em juizo a fim de dar prévia parte de mudança de residencia d'essa pessoa.

§ unico.—O requerimento póde ser feito verbalmente.

Art. 9.º—O juiz pela mesma fórma prescripta no artigo 5.º verificará se a pessoa apresentada satisfaz as condições que lhe são exigidas, e, no caso affirmativo, mandará em seguida tomar o respectivo termo.

Art. 10.º—Aos actos referidos no artigo precedente é applicavel o disposto no artigo 6.º

Art. 11.º—Se, depois de feitas as declarações constantes dos artigos predentes, os réus vierem a juizo participar qualquer mudança de residencia, ou substituir a pessoa indicada para receber as citações necessarias ao regular andamento do processo, nos casos previstos na lei, seguir-se-hão os termos e disposições applicaveis, prescriptas no presente decreto.

Art. 12.º—Os juizes e officiaes de justiça que téem de intervir nos actos preceituados n'este decreto, só poderão receber os emolumentos e salarios taxados no n.º 9.º do artigo 24.º da tabella approvada por carta de lei de 30 de junho de 1864 e no n.º 21.º do artigo 47.º e n.º 14.º do artigo 48.º da mesma tabella com referencia quanto aos ultimos ao n.º 11.º do artigo 34.º da tabella approvada pela carta de lei de 12 de abril de 1877.

O ministro e secretario de Estado dos negocios ecclesiasticos e da justiça assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 12 de maio de 1886.—REI.—*Francisco Antonio da Veiga Beirão.*

Arabescos e Miniaturas

O ENCONTRO

Foi um acaso, um verdadeiro acaso. O barão de Etraille, fatigado de estar em pé, entrou,—como n'aquella noite da festa estivessem abertos todos os aposentos da princeza,—no quarto de dormir deserto e quasi sombrio, ali ao pé das salas illuminadas.

Procurava alguma cadeira onde dormir, certo de que sua mulher não quereria partir antes de amanhcer. Da porta, avistou o largo leito azul floreado a oiro, erguido no meio do vasto recinto, como um catafalco em que se tivesse enterrado o amor,—porque já não era creança a princeza. Por detraz, um grande mancha clara dava a sensação de um lago visto de uma alta janella. Era o espelho, immenso, discreto, vestido de sanefas escuras, que se fechavam ás vezes, que muitas outras se abriam; e o espelho parecia fitar a cama, sua cumplice. Dir-se-hia que tinha recordações, saudades, como esses castellos que os espectros dos mortos frequentam; e que na sua face lisa e erma se iam ver passar essas formas encantadoras que teem os quadris nús das mulheres, e os gestos doces dos braços quando enlaçam.

O barão parára, sorridente, algum tanto commovido, á porta d'aquelle santuario de amor. Mas de repente, alguma coisa appareceu no espelho, como se os phantasmas evocados alli surgissem. Um homem e uma mulher, sentados n'um divan muito baixo e occulto na sombra, tinham-se levantado. E o cristal polido, reflectindo as suas imagens, [illegible] em pé, beijando-se nos labios antes de se separarem.

O barão reconheceu sua mulher e o marquez de Cerviguê. Voltou costas e partiu, como um homem forte e senhor de si, e esperou que amanhecesse para levar a baroneza; mas já não era em dormir que elle pensava.

Assim que se viu a sós com ella, disse-lhe:

— «Minha senhora, via-a ha pouco no quarto da princeza de Raynes. Não preciso de me explicar mais. Não gosto de censuras, nem do ridiculo; e por evitar tudo isso, vamo-nos separar sem escandalo. Os procuradores terão ordens minhas para combinar a sua situação. Será livre de viver a seu modo, longe do meu tecto; mas previno-a de que se algum escandalo houver, como a senhora continua usando o meu nome, não terei remedio senão mostrar-me severo.»

Ella quiz fallar; elle não a deixou, inclinou-se, e recolheu aos seus aposentos. Sentia-se menos infeliz do que admirado e triste. Amara-a muito nos primeiros tempos de casado. Esse ardor esfriára pouco a pouco, e agora tinha frequentes caprichos, pelos palcos e pelas salas, conservando, porém, um certo gosto pela baroneza. Ella era muito nova,—apenas vinte e quatro annos,—pequenina, singularmente loira, e magra, muitissimo magra. Era uma boneca de Pariz, fina, cheia de mimos, elegante, *coquette*, bastante espirituosa, com mais encantos que belleza. Elle dizia frequentemente ao irmão, fallando d'ella:

— Minha mulher é encantadora, provocante; mas... não fica nada d'ella nas mãos. Parece-se com esses copos de *champagne* em que tudo é espuma. E' bom, mas chega-se ao fundo, e não dá tempo a tomar-se-lhe o gosto.

Agora passeava no seu quarto, de um lado para o outro, agitado e scismando em mil coisas. A espaços, arrebatavam-no impetos de colera, e sentia tentações brutaes, de ir esmagar o marquez ou esbofeteal-o no club.

Reconhecia depois que seria de mau gosto, que ririam de si e não do outro, e que esses arrebatamentos lhe vinham mais da vaidade ferida que do coração magoado. Deitou-se, mas não dormiu.

Soube-se em Paris, dias depois, que o barão e a baroneza de Etraille se tinham separado amigavelmente, por incompatibilidade de genios. Ninguem suspeitou de nada, nem cochichou, nem se espantou. O barão, entretanto, para evitar encontros que lhe seriam penosos, viajou durante um anno, passou depois o seguinte verão nos banhos de mar, o outomno na caça, e voltou a Pariz no inverno. Nem uma só vez viu sua mulher.

Elle sabia que ella não dava que fallar, que tinha pelo menos o cuidado de guardar as apparencias. Nada mais exigia. Enfastiou-se, tornou a viajar, metteu depois obras no seu castello de Villebosc, no que gastou dois annos, recebeu depois n'elle os seus amigos, o que lhe tomou pelo menos mais quinze mezes; depois, fatigado d'aquelle prazer já gasto, voltou ao seu palacio da rua de Lille, justamente seis annos depois da separação.

Tinha agora quarenta e cinco annos, bastantes cabellos brancos, alguma coisa de barriga, e essa melancolia dos que foram bellos, desejados, amados, e que [illegible] dia para dia se deterioram.

Um mez depois do seu regres[illegible] Pariz, apanhou frio ao sair do cl[illegible] poz-se a tossir. O medico receito[illegible] que fosse acabar o inverno a Nice.

Partiu, pois, uma segunda-feira, [illegible] expresso. Como se tivesse demorado, c[illegible] gou quando o comboyo largava. Ha[illegible] um logar n'um *coupé*, subiu. Uma pes[illegible] estava já installada no *fauteuil* do fun[illegible] tão embrulhada em pelles e em cap[illegible] que nem sequer poude advinhar se [illegible] um homem ou uma mulher. Não se [illegible] via senão uma comprida trouxa de fato,

Vendo que não saberia nada, o barão installou-se tambem, poz o seu barrete de viagem, deseurolou as suas cobertas, enrolou-se n'ellas, estendeu se, e adormeceu. Só acordou de madrugada, e olhou para o seu companheiro. Este não se tinha mechido em toda a noite, e parecia ainda no melhor do seu somno.

O sr. d'Etraille aproveitou o ensejo para fazer a sua *toilette* da manhã, alisar a barba e o cabello, refazer o aspecto do rosto, que tanto e tanto a noite muda, quando se chega a certa edade.

Disse o grande poeta que se teem quando se é novo triumphantes manhãs.

Quando se é novo, acorda-se magnificamente, com a pelle fresca, os olhos brilhantes, a cabelleira luzidia de seiva.

Quando se é velho, o acordar é lamentavel. O olhar mortiço, a face vermelha e balofa, a bocca emsaburrada, os cabellos revoltos e a barba emmarranhada,—dão ao rosto um aspecto velho, fatigado, prompto.

O barão tinha aberto o seu *necessario* de viagem, compoz a physionomia em meia duzia de escovadellas. Depois esperou.

O comboyo apitou, parou. O visinho fez um movimento. Estava decerto acordado. Depois, a machina tornou a partir. Um raio obliquo de sol entrava agora no *wagon*, e cahia mesmo no dorminhoco, que se mecheu de novo, deu algumas cabeçadas como um pintainho a sahir da casca, e mostrou tranquillamente a cara.

Era uma mulher nova e loira, fresca, linda, cheiasinha. Sentou-se.

O barão, estupefacto, olhava para ella. Nem já sabia o que deveria acreditar. Porque realmente, havia de jurar que era... era sua mulher, mas sua mulher extraordinariamente mudada... para melhor, gordinha, oh! tão gordinha como elle, mas no bem sentido.

Ella encarou-o muito socegadamente, pareceu não o conhecer, e desembaraçou-se com placidez dos estofos que a envolviam.

Tinha a tranquilla presença de uma mulher segura de si, a audacia insolente do acordar, sabendo-se e sentindo-se em plena belleza, em plena frescura.

O barão estava mesmo atarantado.

Seria sua mulher? seria alguma outra que lhe assemelhasse como uma irmã? Havia 6 annos que elle a não via, podia-se enganar.

Ella bocejou, e elle reconheceu o seu gesto habitual. Mas ella voltou-se de novo para elle, e percorreu-o com olhos, cobriu-o de um olhar calmo, indifferente, de um olhar que não sabe, depois poz-se a examinar o campo.

O barão ficou-se embasbacado, horrivelmente perplexo. Esperou, espreitando-a de esguelha, com obstinação.

Mas era por força a sua mulher, pois então! Como hesitar? Não havia outra com um nariz assim! Acudiam-lhe á memoria mil recordações, recordações de caricias, pequenos detalhes do seu corpo, um signalsinho no quadril, outro nas costas, mesmo correspondente...

Que de vezes os não tinha elle beijado! Sentia-se invadido por uma tontura antiga, atinando com o aroma da sua pelle, com o seu sorrir quando ella lhe deitava os braços ao pescoço, com as intonações doces da sua voz, com todas as suas graciosas meiguices.

Mas como ella estava mudada, embellesada, era ella e não era ella. O barão achava-a madurinha, mais completa, mais mulher, mais seductora, mais desejavel, adoravelmente desejavel.

Ora essa mulher estranha, desconhecida, encontrada por acaso n'um *wagon*, era sua, pertencia-lhe por lei. Era só elle dizer:

— «Não quero.»

Elle tinha outr'ora dormido nos seus braços, vivido no seu amor. Encontrava-a agora tão mudada, que mal a reconhecia. Era outra, e era ao mesmo tempo a mesma: era outra, nascida, formada, creada desde que elle a deixara, e era a mesma que elle tinha possuido, em quem elle descobria as attitudes modificadas, as antigas feições mais informadas, serviço menos infantil, os gestos mais firmes. Eram duas mulheres em uma só misturando grande porção de novidade desconhecida n'uma grande parte de recordação saudosa. Era um não sei que de singular, de capitoso, de excitante, uma especie de mysterio de amor, em que pairava uma deliciosa confusão. Era sua mulher n'um corpo novo, n'uma nova carne que os seus labios não tinham percorrido.

E pensava elle que em seis annos com effeito, tudo muda em nós. Só o contorno fica parecido; e esse mesmo...

O sangue, os cabellos, a pelle, tudo tudo recomeça, tudo se reforma. E ao cabo d'uma ausencia longa, é uma creatura inteiramente diversa que se encontra. bem que seja a mesma e com o mesmo nome.

E tambem o coração póde variar, tambem as ideias se modificam e renovam; a tal ponto que podemos, em quarenta annos de vida, por lentas e constantes transformações, tornar-nos em quatro ou cinco creaturas absolutamente novas e differentes.

Scismava elle, perturbado até á alma. Lembrou-lhe bruscamente a noite, em que a surprehendera no quarto da princeza. Nenhum furor o agitou. E' que não tinha sob os olhos a mesma mulher, a bonecasinha magra e viva de outr'ora.

Que fallar? Como fallar-lhe? Que dizer-lhe? Tel-o-hia reconhecido?

O comboio parava de novo. Elle er[illegible]-se, comprimentou, e disse:

— «Precisa de alguma coisa, Bertha? Eu poderia trazer-lhe....»

[illegible] la olhou-o dos pés á cabeça, e respondeu, sem espanto, sem confusão, sem [illegible]ra, com a mais placida indifferença:

— «Não, nada, agradecida.»

Elle desceu e deu algumas passadas [illegible] caes, para se sacudir, como que para [illegible]ornar a si depois de uma queda. Que [illegible] elle agora de fazer? Tomar outro [illegible]? Pareceria uma fuga... [illegible]ostrar-se galante, sollicito? Parece[illegible] pedir perdão. Fallar de papo? Pareceria um grosseiro, e afinal, nem elle tinha direito para isso.

Tornou a subir, e tornou a tomar o seu logar.

Durante a sua ausencia, tambem ella fizera *toilette* á pressa. Estava agora reclinada no *fauteuil*, impassivel e radiosa.

Elle voltou-se para ella, e disse-lhe:

— «Minha querida Bertha, uma vez que um acaso bem singular nos reune apoz seis annos de separação, de separação sem violencia, será acaso para nos continuarmos a olhar como dois inimigos irreconciliaveis? Estamos encerrados em face de um do outro? Tanto peor, ou tanto melhor. Eu, não me vou. Não será pois preferivel conversar como... como... como amigos, até ao termo da nossa jornada?»

Ella respondeu tranquillamente:

— «Como quizer.»

Elle, então, estacou, sem saber o que dizer. Depois, como fosse audacioso, approximou-se, tomou accento no *fauteuil* do meio, e em tom galante:

— «Vejo que não ha remedio senão fazer-lhe a côrte... Pois sim. E' de resto um prazer, por que a baroneza está encantadora. Não imagina como tem lucrado n'estes seis annos. Nem eu conheço mulher que me tenha dado a sensação deliciosa que tive ao vel-a emergir das suas pelles, ha pouco. Realmente, se me tivessem annunciado tamanha mudança eu não a acreditaria...»

Ella pronunciou. sem deslocar a cabeça e sem o fitar:

— «Outro tanto lhe não direi eu, porque o barão tem perdido muito.»

Elle corou, confuso e perturbado; depois, com um sorriso de resignação:

— «A baroneza é severa.»

Ella voltou-se para elle:

— «Em que? eu contanto, apenas. Creio que não tem a menor intenção de de me offertar o seu amor... E' portanto absolutamente indifferente que eu o ache bonito ou feio. Mas vejo que o afflige tal assumpto. Fallemos de outra coisa. Que tem feito desde que o não vejo?»

O barão perdera o aprumo, e balbuciou:

— «Eu? tenho viajado, tenho caçado, tenho envelhecido, como vê. E a baroneza?»

Ella declarou serenamente:

— «Eu tenho guardado as apparencias, como me ordenou.»

Veio aos labios do barão uma brutalidade. Não a disse, mas tomando a mão de sua mulher, beijou-lh'a:

— «E eu agradeço-lhe.»

A baroneza ficou surprehendida· Realmente, elle era forte, e sempre senhor de si.

O barão continuou:

— «Visto que annuiu ao meu primeiro pedido, quer que agora conversemos sem azedume?»

Ella teve um gestosinho de desprezo:

— «Azedume! é coisa que não tenho. O barão é-me completamente estranho. Apenas busco animar uma conversação difficil.»

Elle esperava-a sempre, seduzido apezar d'aquella rudeza, sentindo um desejo brutal invadil-o, desejo irresistivel, desejo de senhor.

A baroneza pronunciou, sentindo bem que o tinha magoado, e encarniçando-se:

— «Que edade tem o senhor agora? Julgava-o mais novo do que parece...»

Elle descórou:

— «Tenho quarenta e cinco annos.» Depois, accrescentou:

— «Esqueceu-me pedir-lhe noticias da princeza de Raynes. Continúa a ser das suas relações?»

Ella deitou-lhe uma olhadura de odio:

— ·Continúa, sim. Vae muito bem, agradecida.»

E ficaram lado a lado, agitados, irritados. De repente o barão declarou:

— «Minha querida Bertha, mudei de opinião. A senhora é minha mulher, e quero que venha comigo para minha casa. Acho que tem progredido em belleza e em caracter, e retomo-a. Sou seu marido, estou no meu direito.»

A baroneza ficou estupefacta, e encarou-o muito, para vêr se era a serio aquillo. O barão tinha o rosto impassivel, impenetravel e resoluto. Ella respondeu:

— «Sinto muito, mas estou compromettida.»

Elle sorriu-se:

— «Tanto peor para a senhora. A lei dá-me o direito, d'elle usarei.»

Chegava-se a Marselha; o comboio apitava, affrouxando a marcha. A baroneza levantou-se, enrolando as suas mantas com firmeza, e depois voltando-se para o marido:

— «Meu querido Raymundo, não abuse de uma entrevista que eu mesma preparei. Quiz tomar uma precaução, segundo os seus conselhos, para não ter nada a receiar do barão nem do mundo, succeda o que succeder. Vae a Nice, pois não?»

— «Vou onde a baroneza fôr.»

— «Qual! Escute-me, e prometto-lhe que me deixará em paz. Não tarda que veja na *gare*, esperarem-me, acompanhadas dos seus maridos, a princeza de Raynes e a condessa Henriot. Quiz que nos vissem juntos, a mim e ao barão, e que se soubesse bem que passaamos a noite sósinhos. n'este *coupé*. Nadreceie. Essas senhoras contarão o caso a quem o quizer ouvir, de tão surprehendente que elle ha de parecer. Dizia-lhe eu ha pouco que, em tudo segundo as suas recommendações, tinha cuidadosamente guardado as apparencias. Não es tratou de mais nada, pois não? E foi para continuar que eu me empenhei n'este encontro. O barão ordenou-me que evitasse com cuidado o escandalo, evito-o, meu caro..., porque receio... receio...»

Esperou que o comboio estivesse completamente parado; e como uma chusma de amigos corresse á sua portinhola e a abrisse, concluiu:

— «Receio estar gravida.»

A princezá estendia-lhe então os braços. A baroneza disse-lhe, mostrando o barão estupefacto de assombro e buscanadvinhar a verdade:

— «Então não conhece o Raymundo? Elle está muito mudado, com effeito. Consentiu em me acompanhar, para me não deixar viajar sósinha. A's vezes fazemos d'estas gazetas, como bons amigos que não podem viver juntos. De resto, vamos deixar-nos aqui. Já está farto de mim.»

Estendia-lhe a mão, que elle apertoo machinalmente. Depois, saltou para u caes, entre as pessoas que a esperavam.

O barão fechou bruscamente a portinhola, muito commovido para que podesse dizer uma palavra ou tomar uma resolução. Ouvia a voz de sua mulher e as suas gargalhadas alegres, a afastarem-se.

Nunca mais a tornou a vêr.

Teria ella mentido? teria dito a verdade? O barão ignorou-o sempre.

GUY DE MAUPASANTS.

O BOUQUET DE VIOLETAS

Eram primos. Ambos jovens, impetuosos e ardentes, amando-se com o enthusiasmo louco dos primeiros amores. Elle tinha um nome perfeitamente adquado á bravura do seu genio audacioso, e se m'o permittem, á elegancia das suas maneiras e das suas *toilettes*, de um modernismo correcto, cheio de bom tom;—chamava-se Leão.

Ella possuia uma alma candida, um coração cheio de pureza e um rosto de notavel brancura. Que outro nome lhe iria melhor de que este?—Clara.

Chamava-se pois assim.

O pae fora novo para Paris, onde fixou o seu escriptorio de tabellião, juntando uma fortuna rasoavel. Entretanto, o pae de Leão ficava na provincia, recebedor de uma pequena comarca que lhe dava para viver, tres mil e seiscentos francos. D'esta quantia foram economisados mil e duzentos francos, logo que se decidiu a mandar estudar em Paris o gracioso Leão.

Chegando á capital da França, o pequeno provinciano teve dois deslumbramentos:—a perspectiva arrebatadora da cidade e o rosto encantador da prima.

No meio do turbilhão ruidoso e fascinante de Paris o pobre rapaz pensou que a sua mezada lhe não chegaria se não fosse calculadamente repartida, e o que raras vezes succede, soube pôr em pratica a preciosa theoria.

Receiava da sua inexperiencia e dos desvarios da sua cabeça aturdida. Tratou pois de prevenir-se contra os desiquilibrios financeiros.

No principio de cada mez, ao chegar a mezada paternal, Leão pagava immediatamente a despeza do quarto e do *restaurant*, em seguida apartava vinte francos para o seu alfayate, depois dos doze ou quinze que lhe restavam, punha invariavelmente de lado tantas moedas de cobre quantos eram os dias do mez. Este dinheiro era destinado á compra de *bouquets* de violetas.

Não pensem todavia que isto era um desperdicio inutil. Não senhor. Era um meio engenhoso de que elle se servia para exprimir á formosa priminha que a amava muito.

A graciosa offerenda realisava-se quotidianamente das cinco ás seis da tarde, hora em que Leão visitava Clara.

Aquelles pequenos *bouquets* eram a unica revelação do seu affecto. O perfume e a modestia da flor traduziam perfeitamente os seus sentimentos.

Clara correspondia, mas tinha um modo particular de o fazer.

Sabem como?

Era assim.

Todas as tardes em troca do *bouquet* d'esse dia, entregava-lhe o ramo da vespera. Até aqui nada ha de notavel, nada que denuncie um sentimento affectuoso. Toda a revelação está no logar de onde ella tirava o ramo.

Timidamente, com uma expressão de candura no olhar e um sorriso de ingenuidade nos labios, a innocente tirava-o do peito. Leão collocava immediata e avidamente os labios n'esta reliquia tão saturada do perfume virginal d'aquelle ente adoravel.

Durante tres mezes, as cousas correram d'este modo. A troca do *bouquet* fazia-se todas as tardes e se o ramo viçoso significava:

—«Clara, amo-te muito», as flores murchas tiradas do peito, respondiam:—«Estamos resequidas pelo calor violento do seu coração.»

Isto, porém, não era bastante para Leão que nos seus delirios imperiosos e esbrazeados queria, implorava, uma outra resposta. Uma resposta que se não diz, antes se murmura ou apenas se sente; todo o seu ser aspirava pelo primeiro beijo, esse beijo escaldante e devorador; essa confusão da paixão do homem com a timida candura da virgem; essa concessão de duas almas que se entregam, esse consorcio dulcissimo dos labios; d'onde nascem os dois primeiros filhos do amor—o *tu* e o *teu*.

Mas a prima era caprichosa e pudica. O desejado beijo não era concedido; por isso todas as tardes, apezar da sua ventura, Leão sahia triste da casa de Clara.

Se o *bouquet*, que elle levava apertado contra os labios, lhe podesse dizer quantas vezes tinha sido respirado e beijado pela caprichosa que dava ás flores o que recusava ao amante!...

Se o pequeno ramo podesse repetir todas as doces e bonitas phrases que ella lhe dirigia! E como o perfume das tristes florinhas perturbava ás vezes aquelle cerebro irrequieto, produzindo-lhe exaltações febris e loucas! N'esses momentos a sua cabecinha devaneadora reclinava-se para traz, os seus olhos cheios de languidez erravam pelo tecto, os labios murmuravam-lhe confissões arrebatadas, em que o nome de Leão era repetido com desvario e a sua presença desejada com anciedade.

Mas o *bouquet* ficava mudo e o pobre apaixonado, beijando-o e aspirando-o soffregamente, não sabia lêr alli os segredos hieroglyphicos do amor.

Isto durava, dissemos nós, havia tres mezes, estavamos pois no fim de março.

N'aquelle dia, Leão ao passar suavemente a manga do *frac* pelo seu chapéo alto preparando-se para sair, não levava no bolso mais que duas pequenas moedas de cobre.

Tinha, é verdade, regulado e perfeitomente repartido a sua mezada, mas o mez estava no fim, portanto não lhe restavam mais que as duas pequenas moedas preciosamente conservadas para os *bouquets* de violetas.

Todavia a sua alma alegre, o seu coração esperançoso e replecto de ventura, não o deixarem preoccupar com as pequenas miserias financeiras. Descia a escada trauteando uma canção descuidosa e risonha, acompanhada pelo tinir compassado que lhe faziam no bolso as duas unicas moedas de cobre.

Eram cinco horas, ia portanto comprar o *bouquet* e leval-o.

Quem sabe, pensava elle, talvez hoje seja mais feliz e alcance o suspirado beijo!... Clara, na vespera, tinha sido tão adoravel! Tinha conversado uma hora com elle de mãos dadas e tão juntos, tão juntos, que se lhe não tinha tocado as faces, pelos menos havia-lhe sentido o avelludado; se os seus labios não se encontraram, elle tinha ainda assim respirado o seu halito perfumado. Era tão perto d'ali ao suspirado beijo que podia considerar aquelle incidente uma lettra acceite, com o vencimento breve.

Distraido, immerso n'estas reflexões. Leão caminhava de cobeça erguida, como um apaixonade triumphante ou perto d'isso e passara já, sem reparar nas *bouquetières* ambulantes que n'aquella epoca do anno percorrem as ruas de Paris com os seus carrinhos perfumados.

Tinha, porém, chegado perto da casa de Clara e era preciso gastar os ultimos cobres no invariavel *bouquet*.

Ia voltar para traz em procura d'alguem que lhe vendesse o mimoso brinde, quando reparou que exactamente junto á porta da priminha havia de um lado uma vendedora de flores e do outro uma pobre mulher tendo nos braços uma creança doente.

O coração bom de Leão compungiu-se ao ver que teria de deixar sem soccorre a infeliz mendiga ou de renunciar ao ramo que lhe alcançaria n'essa tarde, quem sabe? o desejado beijo.

N'esta hesitação afastou-se da pobre, e encaminhando-se para a ramilheteira escolheu o *bouquet* de violetas mais aromatico, mais fresco, mais aspergido de orvalho; ao estender, porém, as duas moedas de cobre que o pagavam a voz da mendiga implorava:—Uma esmola, meu rico senhor, uma esmola para o meu filhinho!

Leão estremeceu. Parecia-lhe um crime comprar flores quando alguem ali ao pé tinha fome...

Mas o beijo! o anhelado beijo passava-lhe na mente como as faiscações rubras de uma tentação irresistivel. Que fazer?

N'aquelle momento a mão da pobre tocou-lhe o braço. Leão olhou-a e viu-a, magra, pallida com o seu filhinho mais magro e mais pallido ainda. Não hesitou; deixou cair o ramo no cesto e deu o dinheiro á mendiga.

Nada de *bouquet*, por conseguinte, nada de esperança, nada de beijo, pensava elle comsigo, cheio de um grande pezar, e subindo a escada de Clara tocou a campainha.

Foi ella mesmo quem veio abrir, toda alegre aos saltinhos, com uma pressa desusada, e sem mais preambulos, sem mais receios timidos, abraçou-lhe o pescoço e beijou-o.

Attonito, commovido, o triumphador perguntava a causa da sua ventura que era tão grande como inesperada. E ella tapando-lhe a bocca com um movimento gracioso da sua mãosinha breve, murmurava:

— Cala-te, cala-te! Não queiras negar, vi tudo. Uma boa acção vale bem mais que um *bouquet* do violetas; toma; e deu-lhe outro beijo.

Leão radiante, transportado, louco, prometteu para solemnisar aquella ventura, dar aos pobres, de então em diante, o que até alli gastava em flores.

CHINCHOLLE.

UMA ANDORINHA DE QUARESMA

Ainda o derradeiro som rouquenho da corneta de barro, uma *ultima fanfarra* da trompa de caça—e acabou o alegre carnaval. Todas as borboletas dos bailes de mascaras, todas as doidas raparigas da intriga disfarçada, abandonaram as suas azas alugadas em casa do guarda-roupa e entraram na vida vulgar de todos os dias.

Ao primeiro dobre dos sinos catholicos, principiam os tristes quarenta dias da penitencia; e algumas portas dos conventos se entre-abrem para a rua, outr'ora tranquilla, para deixar sair as piedosas andorinhas da quaresma. Tal é o nome dado ás pobres religiosas, que os asylos das orphãs e dos velhos mandam n'essa occasião esmolar. Partem ligeiras, vivas e incertas, rente com os ricos palacios e as lojas de nomeada, introduzindo-se nas ruas dos jardins, subindo a todos os andares, sollicitando com um grito a attenção das portas surdas, tocando a corneta ás janellas fechadas.

Abrigava um d'esses asylos cincoenta orphãs, as quaes—proporcionado o leito e o vestuario—iam vivendo do trabalho da costura. Em cada quaresma, espalhava pela cidade algumas pedintes de esmola, com o fim de alliviar da miseria algumas novas creanças abandonadas.

Ora, em certa quaresma, duas andorinhas partiram, um pouco entregues á ventura e á graça de Deus. Uma d'ellas era moça, delicada de compleição e distincta. Do corpo um tanto deformado sob as castas vestes monasticas, como uma mumia, não se lhe viam senão as extremidades das mãos e um quasi nada do rosto. Mas as mãos eram d'uma extrema delicadeza; mas aquelle rosto admiravel, um pouco alongado pelos bandós collados da ordem, destacava-se ainda no fundo das brancas e vastas azas engommadas da touca.

A religiosa era realmente formosissima. Os olhos sobretudo eram magnificos. E era até por isso mesmo, que a reverenda abbadessa lhe impozera ao nariz o uso perpetuo d'uns oculos azues, que lhe occultavam o olhar e lhe desfiguravam a correcção e encanto das feições.

Tinha se baptisado, no convento, com o nome de Maria dos Anjos, e dizia-se que pertencia a uma familia nobre.

O facto é que a encadernação do seu livro de orações, outr'ora mundano, tinha inscripto n'uma deliciosa calligraphia aristocrata: *Pertence a mademoiselle de*... O resto fôra implacavel e conscienciosamente cortado com um risco espesso de tinta.

Desde manhã que a irmã Maria dos Anjos e a sua companheira—guardando-se uma á outra—percorriam todos os bairros d'uma antiga capital da provincia. A caridade, porém, achava-se já exhausta, e a colheita n'esse dia era insignificante.

E, no entretanto, cinco pequeninas orphãs esperam d'aquellas esmolas o abrigo da cama e o vestuario!

Entristeciam as duas pobres andorinhas e sentia se já fatigada a irmã Maria dos Anjos. Mas, a despeito d'isso, continuam na sua tarefa, pedindo aqui, pedindo alli, esmolando por toda a parte, e esperando sempre.

Ao cair da tarde, na cidade alta, hesitaram á porta d'um palacio antigo, onde se viam duas cariatides grotescas da Renascença fazendo carrancas para a rua.

Era alli que habitava aquelle, conhecido simplesmente pelo nome do sr. barão. Solteirão, velho janota, rico, original, tendo acceitado da tradicional divisa cavalheiresca—*Deus*, mas que elle deixava no Paraizo—*o seu Rei*, cujo exilio o não inquietava—e a *sua Dama*, mas, por exemplo, nunca a mesma, adorando-a pouco, com tanto que fosse de appetite e da sua sociedade. Fino conhecedor e apreciador requintado, era detestavel a sua reputação galanteadora. Eis a rasão porque as duas andorinhas da quaresma hesitaram um instante e transpozeram a porta a tremer. Um criado de quarto introduziu-as n'um gabinete-museu, onde o sr. barão, todo vestido de flanella branca, estava fumando cigarros.

— Boas tardes, minhas encantadoras! Só o amor de Deus e do proximo as obrigaria a entrar na casa d'um grande peccador como eu.

— Grande peccador, grande convertido, sr. barão, respondeu a irmã Maria dos Anjos. Trazemos-lhe a salvação nas orações das pequeninas orphãs, que a sua caridade póde arrancar á miseria e o mal.

— Quantos anjinhos femininos em perdição, irmã?

— Cinco! Não temos hoje colhido quasi nada, e eram-nos precisos 1:500 francos, sr. barão.

— Oh! Isso não chega para comprar um cavallo ou uma joia para qualquer Magdalena. Então esses mariolas da cidade baixa são insensiveis á sua graça e á sua formosura, irmã Maria dos Anjos?

— Sr. barão, lembre-se que não somos mais que duas pobres irmãs de caridade.

— Perdão, se o esqueço, quando olho para si; mas acho-a tão bonita, irmã Maria dos Anjos!

A religiosa fez um gesto de impaciencia.

— Então para que ha-de fazer-se feia com esses horriveis oculos azues, contra os quaes, se insistir, eu hei-de alcançar uma prohibição de monsenhor ou um breve de Sua Santidade! Tem os olhos doentes?

A piedosa menina não queria mentir.

— Não, sr. barão.

— Confesse então francamente que os seus olhos teem a desgraça de ser soberbos, e que a sua madre abbadessa receia que esses olhos admiraveis a induzam á tentação. Vamos lá, confesse.

A irmã Maria dos Anjos, que nem por nada queria mentir, conservou-se callada e muito embaraçada.

— Muito bem. Vamos a ver se a sua caridade vae até ao sacrificio. Prometto-lhe os 1:500 francos para as suas queridas orphãsinhas, mas com uma condição: ha-de tirar os oculos alguns instantes.

— O sr. barão é o diabo?

— Sou, e que me não dava de a obrigar a fazer um peccado, por muito venial *que fosse.*

— Era mais que isso, sr. barão, porque eu faltaria ao voto de obediencia.

— Desobediencia? Então adivinhei. Quem o dirá á abbadessa?

— Esta minha irmã, que é esse o seu dever.

— E se ella não dissesse nada?

— N'esse caso, diria eu!

— Ah! irmã Maria dos Anjos, e as cinco pobres orphãsinhas, para as quaes tem nas suas mãos a chave do Paraizo ou do Inferno?

A religiosa baixou a cabeça.

Acudiu-lhe então á idéa as cinco rapariguinhas pallidas, sem pão, sem vestuarios, sem asylo, e estremeceu-lhe o coração. Teve medo de si mesma e quiz partir. Queria, mas ficou. Sentindo-se succumbir, deu de repente alguns passos para se retirar. Mas, d'essa vez, pareceu-lhe ouvir os queixumes das desgraçadas creanças.

— Sr. barão—supplicou ella—seja caridoso pelo amor de Deus, e generoso para com esta humilde serva dos pobres!

— Sou um teimoso e um impenitente.

— Se eu cedesse ao seu cruel capricho, isso havia de trazer-lhe a desgraça, sr. barão.

— Pelo amor das suas cinco orphãsinhas, irmã! murmurou elle com um tom de voz motejador.

— Ah! venceu, sr. barão! Deus nos perdõe a ambos!

E a irmã Maria dos Anjos, agitada e muito vermelha, levantou os olhos precipitadamente para não deixar á sua consciencia o tempo d'um remorso.

O barão ficou deslumbrado. Nunca vira olhos assim, onde brilhavam algumas lagrimas. Extraordinariamente grandes e d'um azul sombrio e avelludado, eram puros, sem as olheiras arroxeadas que, nas mulheres elegantes da sociedade denunciam horas dolorosas ou de prazer. Accentuava-os as negras e espessas sobrancelhas, em quanto as longas pestanas assombreavam a pupilla com uma doçura mysteriosa. O olhar tinha não sei quê de irresistivelmente acariciador, que attraia, e n'aquelle fundo azul imprimia um encanto penetrante, que nos prendia. Esses olhos maravilhosos, atravez das lagrimas, fitavam dolorosamente o barão.

E elle, mudo e quedo, sentiu o coração illuminado como por um relampago. A irmã Maria dos Anjos estendia-lhe a mão aberta, onde elle depoz 1:500 francos em duas notas do banco. Quando volveu a admirar aquelles formosos olhos, já não viu senão os horriveis oculos azues. Pensativo e triste, sem dizer uma palavra, acompanhou até á porta do palacio as duas andorinhas da quaresma.

As cinco orphãsinhas entraram para o asylo. A irmã Maria dos Anjos caiu de joelhos aos pés da reverenda abbadessa e confessou-lhe tudo.

Foi castigada com uma longa e severa penitencia. Prohibiram-lhe que saisse á rua, e foi obrigada a fazer o serviço da cosinha. A humilde religiosa sujeitou-se com alegria, e mostrou sempre uma grande preferencia pelas cinco orphãsinhas, que eram as filhas... do seu peccado.

AIMÉ GIRON.

LAGRIMA

Brilhava na camelia alabastrina
Que um dia colloquei no teu cabello
Uma gotta d'orvalho crystallina
E a que tu déste um maternal desvelo...

Hoje, passando ao pé de mim, disseste:
—Conserva ainda a gotta perfumada
Aquella branca flor que tu me déste
E em que se espalha uma bonança amada.

—Essa fulgente perola do amor
Se na corolla da camelia brilha
Gerou-a a tempestade d'uma dor
E foi gerada nos meus olhos, filha!

João Saraiva.

KALEIDOSCOPO

A M. D'OLIVEIRA RAMOS

Passas? formo chimeras côr de rosa,
Sorris? tenho a impressão d'um grande affago.
Fallas? escuto uma canção airosa.
Olhas? vejo um abysmo onde naufrago.

Queiroz Ribeiro.

OUTROS TEMPOS

O' Moysés collossal da lenda eterna!
Desce de novo lá dos ceus ao mundo:
Vem conduzir á Promissão moderna
Este povo nas sombras vagabundo.

Mas se desejas que Israel te siga,
E te não volte, sem respeito, a face,
Não lhe dês agua, que é uma consa antiga;
Dá-lhe abundante em cada rocha um Bass!

João Penha.

PAISAGENS

Entardece. De um lado nas remotas
Terras ha sombra. Passaros á tôa
Voam. Ruflando as pennas na lagôa
Erra o enxame alegre das gaivotas.

Semeadas estão verdes ilhotas.
Os caniçaes mergulham dentre ás aguas
Ennuviam-se morros, vêm-se fraguas

E alvas penhas desertas espalhadas.
Ha pelo azul o fremito de um choro;
Do sol ainda um estylete d'ouro
Fere umas nuvens quasi encastelladas.

Alfredo de Sousa.

LAGRIMAS

De Maria, a mãe de Deus,
Ha no rosto macerado
Igual pranto, magoado,
Ao que cáe dos olhos teus.

Ha no gelo que, dos ceus,
Sobre a terra foi lançado
Pranto igual, crystalisado,
Ao que cae dos olhos teus.

De Maria o terno pranto
De brilhantes foi composto;
O do gelo dura emquanto

não lhe dá o sol d'abril;
mas o teu não sáe do rosto
sem lhe eu dar beijos aos mil.

Giordano.

---

* * *

Vinte mezes levou a erguer-se a fabrica
do nosso amor...
—estoira uma babel de zelos dubios
e n'um só cáe com estridor.

Resta-me ao menos o sonsolo unico,
louco talvez,—
de vêr que a minha parte era a mais solida,
e que a sua logo em fumo se desfez.

Diogo Souto.

SONETO

Nas folhas pequeninas dos silvados
Eu quero recortar uma canção
E ensinal-a depois á viração:
—Ha de ser a canção dos namorados.

Desenhará primeiro uns esfumados,
A timidez. Depois um céo de verão,
Risos em tudo, em cada coração,
Andorinhas, no azul, festa nos prados.

E ha de chorar depois uma elegia
Tremente, soluçante, angustiada:
A noite do ciume e da agonia.

E, emfim, pintar o verde dos junquilhos
E o resplendente alvor da madrugada
—No luminoso olhar de nossos filhos!

Accacio Paiva.

Bibliographia

—«*Anno Christão*, ou Exercicios devotos para todos os dias do anno. Está publicada a caderneta n.º 10, que agradecemos.»

—«*A Estação*, jornal illustrado de modas para as familias. Publicou-se o numero de 16 de maio.

Sommario: Chronica de moda.

Gravuras: Toilettes para passeio—Toucas—Toucas de manhã—Fichús—Toilettes para meninas—Toilettes para sarau—Toilette com corpo-jaqueta comprido para passeio—Chapeus para meninas—Toilette caseira, com tunica blusa sem mangas—Toilettes para noiva e toilettes de ceremonia—Renda de crochet, para guarnição de costumes, tapetes aventaes, roupa branca, etc.—Saias arregaçadas, para costumes—Paletó para creança—Costumes para passeio—Avental guarnecido de bordado sobre filó—Chapeus para passeio—Costumes para passeio—Costumes para meninas—Costume com collete arregaçado e corpo aberto—Toilette com visita, para passeio—Leque para passeio—Toilettes caseiras e para passeio—Rendas—Objectos de fantasia, etc., etc.

Dous figurinos coloridos representando: Toilette com tunica sobretudo—Toileitte para menina—Vestidinho decotado para creança—Toilette com tunica arregaçada para senhora—Toilette com tunica de fazenda—Toilette para passeio.

Parte Official

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 14

Decreto com o programma para as cerimonias do casamento do principe real.

Decreto regulando a execução do artigo 2.º da lei de 15 de maio de 1886, com respeito aos reus presos em flagrante delicto, a que corresponda processo correccional.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Diario de 15

Portaria convidando a côrte, tribunaes e as differentes auctoridades e corporações, para no dia 22 do corrente assistirem ás ceremonias do casamento do principe real.

Varios despachos administrativos já conhecidos.

Boletim de s[illegible]dade maritima declarando lim[illegible]os os [illegible]lera os portos do departamento de [illegible] e o demais portos entre Havre e Bordeus.

Boletim de sanidade maritima declarando inficionados de cholera-morbus os portos de Italia, no mar Adriatico.

Boletim de sanidade maritima declarando suspeitos de cholera-morbus os portos italianos do Mediterraneo.

Differentes despachos de empregados para as alfandegas.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Nomeados governadores para Cabo Verde o sr. João Cezario de Lacerda, e para Macau o sr. Firmino José da Costa.

Diario de 17

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Telegraphia

Madrid, 14.—A rainha regente, D. Christina, foi hontem muito acclamada pelo povo quando distribuia os soccorros ás victimas do furacão.

Os estragos causados por, este nas propriedades, são muito maiores do que a principio se suppunha. Os arredores de Madrid nada soffreram.

O governo hespanhol decidiu enviar uma embaixada extraordinaria a Lisboa, para assistir ás ceremonias do casamento do principe real portuguez. D'esta embaixada farão parte o general Cordoba e o almirante Topete.

Paris, 12 de maio.—Diz o jornal *Français* que o conde de Paris já partiu hontem d'Eu com a sua familia, e que o povo, aguardando-os na estação do caminho de ferro, se despediu da princeza D. Amelia com grandes demonstrações de affecto.

Os principes de Orleans devem partir para Lisboa no dia 17.

Athenas, 12.—Está organisado um ministerio de desarmamento e sem côr politica.

Paris, 14.—O *Morning Post* crê que o sr. Gladstone está resolvido a retirar os bills irlandezes, e a consultar o paiz em outubro proximo futuro.

Roma, 11.—Espera-se breve o accordo entre Portugal e o Vaticano a respeito do padroado portuguez no Oriente.

Em Veneza houve hontem mais 3 casos e 6 obitos do cholera, e em Bare mais 20 casos e 4 obitos.

Athenas, 12.—Está publicado o decreto convocando a camara dos deputados para o dia 22 de maio corrente.

O desarmamento do exercito não começará antes de reunida a camara.

Londres, 14.—A camara dos communs rejeitou hoje uma moção, que tinha por fim lançar imposto sobre os productos e manufacturas estrangeiras.

Madrid, 15.—O duque de Montpensier declinou por motivos de saude a honra de representar a Hespanha na ceremonia do casamento do principe real portuguez.

O cyclone do dia 12 do corrente fez tambem estragos nas provincias de Guadalajara e Huesca.

S. Vicente. 15.—Seguiu hontem de este porto com destino a Lisboa o paquete inglez *Britannica* da Companhia de Navegação do Pacifico.

Paris, 15.—Acaba de ser officialmente assignado o tratado de delimitação das possessões francezas e portuguezas de Africa, tratado que estava concluido ha certo tempo.

Berlim, 5.—Por causa da agitaçã[illegible] que lavra entre os operarios, não se co[illegible]sentem agora reuniões sem auctoris[illegible] prévia. Esta exigencia das auctorid[illegible] produz sensação.

Londres, 15.—O sr. Champbll-Bannerman, ministro da guerra, declarou hoje á camara dos communs que o govern[illegible] admitte a representação da Irla[illegible] parla[illegible] imperial. O sr. Cham[illegible]

disse que pelá sua parte acha insufficiente esta declaração do ministerio.

Madrid, 16, manhã.—Diz o jornal *El Correo* que os emigrados hespanhoes, republicanos, se agitam muito na fronteira, por estar proximo o bom successo da rainha regente.

Embora os jornaes ministeriaes asseverem que o ministro da fazenda, sr. Camacho, está melhor, o *Diario de Barcelona* sustenta que a gastrite o impede de ir ao seu ministerio, e até o faz vomitar o leite, que é o seu unico alimento.

Um despacho do governador de Tenerife, confirma ter chegado alli o cadaver do almirante chileno sr. Lynch, que será embalsamado e ficará depositado n'aquella praça até poder ser transportado para o Chili.

Berlim, 16.—Hontem, passou sobre a cidade de Krossen uma tromba que derribou um grande numero de casas, arrancou quasi todos os telhados e causou outros estragos muito consideraveis. Ficaram feridas ou mortas varias pessoas.

No Oder afundaram-se varios navios, perecendo no desastre 5 homens.

Madrid, 16.—Bateram-se hontem ao florete o commandante Viret, adido militar á embaixada franceza em Constantinopla, e o visconde Renato Pigier, que ficou ferido n'um braço.

O *Jornal de S. Petersburgo* desmente a noticia de haver difficuldades entre a Russia e a China.

Um ciclone fez consideraveis estragos em Loriato, na Italia. Ha a lamentar algumas victimas.

Madrid, 17, á 1 e 30 m. da t.—A rainha regente, D. Christina, deu á luz um principe.

O Papa aceitou ser padrinho do filho de D. Affonso XII.

Partiram hontem á noite, afim de acompanharem o conde de Paris até á fronteira de Portugal, diversos membros do conselho de administração do caminho de ferro de Medina-Salamanca á fronteira portugueza.

Madrid, 17.—Camara dos deputados:—O presidente da camara participa o nascimento do principe, e em um discurso felicitou a Hespanha.

O sr. Sagasta, presidente do conselho, levantou um viva ao novo monarcha e á monarquia. Os deputados corresponderam com calorosos vivas. Os deputados republicanos, ausente

O sr. Sagasta p[illegible]ciou um discurso analogo ao do presidente da camara dos deputados, por motivo do nascimento do novo rei, dizendo que a rainha regente D. Christina, era o anjo tutelar da Hespanha. Terminado o discurso, soltaram-se espontaneos vivas á rainha regente e ao novo rei.—Muitos oradores associaram-se ás manifestações do sr. Sagasta.

Madrid, 13.—Diz-se que o novo rei de Hespanha se chamará Affonso XIII; mas o jornal *A Correspondencia*, consta que o nome do rei será Fernando Affonso.

O presidente da camara dos deputados ao annunciar o nascimento do novo rei, disse: «Em volta do berço do filho de D. Affonso XII, o qual nasce rei, tudo respira jubilo e esperança! E' uma felicidade que D. Affonso, morto, deixe um herdeiro que o substitua. Tendo nós defendido a liberdade representada por uma princeza ainda no berço, preparemo-nos agora para defender o novo monarcha, que representa a ordem, a paz e os altos interesses da Hespanha.

O sr. Sagasta, presidente do conselho, disse que a nação é, e será senhora de seus destinos; mas, para isso, é preciso que a lei seja cumprida. Concluiu gritando: Viva a monarchia! Viva o monarcha!

A camara repetiu estes vivas.

Paris, 17.—Partiram para Lisboa os condes de Paris, e sua familia.

Rio de Janeiro, 17.—Chegou hoje a este porto, vindo da Europa o paquete *Tamar* da Companhia da Mala Real Ingleza.

Roma, 17.—Houbе hontem em Veneza mais 4 casos e 4 obitos do cholera. Em Bari houve tambem hontem mais 6 casos e 4 obitos.

Londres, 18.—O sr. Gladstone está resolvido a não retirar o *bill* irlandez. No caso de ser rejeitado, dissolverá o parlamento, se a rainha consentir.

Muitos jornaes inglezes felicitam a Hespanha pelo nascimento do seu novo rei.

Carta de Lisboa

Lisboa 18 de maio de 1886.

O presidente do conselho, o sr. José Luciano de Castro, foi ante-hontem agraciado por el-rei com a grã-cruz da ordem da Torre Espada. Sua magestade presenteou o agraciado com as respectivas insignias, dirigindo-lhe ao mesmo tempo palavras muito affectuosas.

— Por terem pedido a demissão os governadores de Cabo Verde e de Macau, os srs. João Paes de Vasconcellos e Thomaz de Souza Rosa, foram substituidos pelos srs. João Cesario de Lacerda e Firmino José da Costa.

— Na alfandega de Lisboa não haverá despacho nos dias 22 e 25 do corrente, em consequencia dos festejos do casamento do principe real.

— As encommendas postaes, com destino á Sicilia e á Sardenha, foram suspensas.

— Corre como certo que o governo não annuirá ao pedido feito por alguns estudantes para lhes ser concedido o perdão d'acto.

— Chegaram de Moçambique os srs. majores Pimenta Miranda e Manuel de Almeida Coelho, o tenente-coronel Brazosa Fraga e o conductor Joaquim José da Lapa.

— Chegou a S. Thiago de Cabo Verde a corveta *Rainha de Portugal*.

— O sr. Mendonça Cortez partiu para Madrid.

— Partiram hontem para a fronteira o sr. ministro das obras publicas e o seu secretario; os srs. conde de Ficalho, Mem Rodrigues de Vasconcellos, engenheiro Poppe e Alberto Braga.

— O sr. conde de Ficalho ficará ás ordens do sr. conde de Paris, e a sr.ª condessa de Rio Maior ás ordens da sr.ª condessa de Paris.

— Consta que serão agraciados: com o titulo de duque de Albuquerque, o sr. conde de Mesquitella; a sr.ª D. Gabriella Linhares com o de marqueza do Funchal; o sr. Carlos Horta Machado, filho do sr. conde de Alte, com o de conde de Selir; o sr. visconde de Daupias será elevado a conde; a sr.ª marqueza de Oldoini será agraciada com a banda de Santa Isabel.

— A colonia portugueza em Alger, representada pelo seu consul o sr. Burck, enviou ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, para ser entregue a sua alteza real a princeza Amelia, um rico leque de pennas de abestruz.

— A real associação naval resolveu que toda a sua esquadrilha forme em frente da praça de D. Fernando, nos dias 22 e 23, embandeirando em arco. Na noite do fogo no Tejo, a esquadrilha illuminará.

— A condessa de Paris desejou que o véu de noiva que a princeza Amelia ha de levar na ceremonia do casamento fosse feito no departamento dos Calvados. O véu é todo de *tulle* com uma larga guarnição de rendas de Alençon.

— No momento da partida da familia Orléans, todos os criados do conde de Paris se vieram enfileirar sob a *marquise*, na entrada do castello d'Eu. Um d'elles offereceu á princeza Amelia um lindo *bouquet*, no momento em que sua alteza transpunha a porta do castello. Os pobres, que ella tanto estimava soccorrer, em companhia de sua mãe, agglomeravam-se desde o palacio até á estação. Por detraz d'estes havia uma multidão de habitantes d'Eu, que iam despedir-se da gentil princeza. Na *gare*, apezar do conde de Paris ter pedido que não fosse ninguem, a população apinhava-se nos caes. A sr.ª condessa de Paris, profundamente commovida com aquellas provas de dedicação chegou á *gare* levando ao seu lado a princeza. A sua carruagem precedia o *break* que conduzia o principe e a sua comitiva. A' partida, os chapeos e os lenços agitavam-se no ar, em signal de despedida. Não se ouviu um unico grito, mas viam-se correr as lagrimas no rosto de toda a gente que assistia áquella scena verdadeiramente commovedora. Nas outras estações mais proximas, o povo concorria todo á estação, offerecendo ramos á princeza, e saudando-a commovido pela sua partida.

— Foram transferidos mutuamente os escripturarios de fazenda de Taboaço e Penalva do Castello, os srs. Coelho Fontes e Castro Amaral; e os de Mêda e Moura, srs. A. Ramos e Alves Costa.

— Foi exonerado o escripturario de Castello Rodrigo, o sr. Oliveira, sendo transferido para alli o de Vieira, o sr. Souza Monteiro.

— Foram nomeados: para Vieira o sr. Custodio Martins Machado, e escripturario para Montalegre o sr. Francisco Henriques Moraes Caldas; aspirante de fazenda para Vianna do Castello o sr. Eugenio Rego Martins Brandão.

— Os commandantes das brigadas na parada por occasião das festas do casamento do principe real, serão os srs. generaes Chaby e Lobo de Avila.

— O sr. Eduardo de Abreu foi encarregado de estudar a organisação dos hospitaes de alienados, existentes em França e Allemanha.

— Chegaram hontem para o Banco de Portugal 50:000 libras.

— Nas salas do *Commercio de Portugal*, abriu-se agora uma nova exposição de quadros, uns assignados por artistas conhecidos, outros por varios amadores. Os artistas são os srs. Felix da Costa, Adolpho Greno, Thomazini, Leonel e Barradas; os amadores, as sr.as D. Guilhermina Costa, D. Carolina Calheiros, D. Elisa Mello, D. Theodolinda Silva va Reis e D. Anna Telles, e os srs. Hygino de Mendonça, Pedro Diniz, Jeronymo Banhos, Hogen e Thomaz de Mello.

— Consta que em Silves houve uma grande desordem entre os trabalhadores dos caminhos de ferro, havendo duas mortes.

Y.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA PARA PORTUGAL E BRAZIL
Publicada em Paris
com a collaboração dos principaes escriptores e artistas portuguezes e estrangeiros
Director, Mariano Pina

Preço da assignatura:—Anno ou 24 numeros, 2:400; semestre ou 12 numeros, 1:200, imestre ou 6 numeros, 600; avulso, 100 reis.
Gerente em Portugal e Brazil—David Corazzi—Rua da Atalaya, 40 a 52—LISBOA.

BIBLIOTHECA UNIVERSAL
DE
LUJAS & FILHOS

REMINISCENCIAS
POR
L. A. GONÇALVES DE FREITAS

A' venda em todas as livras de Lisboa, Porto e Coimbra.—Preço 500 reis.

ANNUNCIOS

EDITOS

146 NA comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão substituto Nogueira Junior correm editos de trinta dias a contar do ultimo annuncio no inventario a que se procede por fallecimento de José Henriques, morador que foi no logar da Costa do Vallade, em que é cabeça de casal Maria Rodrigues Brocha, citando José Henriques, actualmente ausente em parte incerta e cazado com Maria Simões Vieira, para todos os termos do referido inventario até final.

O Escrivão Substituto
Fernando Ribeiro Nogueira Junior.
Verifiquei—*Costa e Almeida.*

ARREMATAÇÃO

141 PELA Direcção das Obras Publicas do districto d'Aveiro se faz publico que no dia 30 do corrente pelas 11 horas da manhã, perante a administração do concelho d'Aveiro, serão recebidas propostas por licitação verbal para a conclusão das terraplanagens e aberturas de valletas da parte da estrada real n.º 40 de Ovar a Entre-os-Rios, comprehendida entre o perfil n.º 272 (fim do empedrado) e o fim do lanço do Burgo ao Arressayo, sendo a base de licitação 1:800$000 réis.

As condições e mais documentos para esta empreitada acham-se patentes n'esta sacretaria, ficando desde já prevenidos os concorrentes de que o deposito para poderem licitar é de 5 p. c. sobre a base de licitação, feito previamente na Caixa Geral de Depositos.

Aveiro, 13 de maio de 1886.
O Engenheiro Director
Silverio Augusto Pereira da Silva.

AFINADOR

145 OFFERECE-SE um afinador de pianos, com pratica d'este trabalho, e por preço convidativo.

Quem precisar dos seus serviços dirija-se a Joaquim Antonio Placido.
LARGO DO ROCIO—AVEIRO

AVISO

144 PREVINEM-SE os possuidores de titulos de divida fundada, tanto de assentamento, como de coupons, de que se recebem na repartição de fazenda d'este districto desde esta data até ao dia 10 de junho proximo as relações de juros do primeiro semestre d'este anno e semestres atrasados, devendo as ditas relações conter a descripção dos titulos pela sua ordem numerica, exacta transcripção dos pertences, e ser assignados, sellados e reconhecidos competentemente.

Aveiro 17 de Maio de 1886.
O Delegado do Thesouro,
Diniz Kopke Severim de Souza Lobo.

AVISO

143 PELO presente ficam avisados todos os individuos a quem interessar, que a arrematação dos direitos de portagem da ponte de Angeja, annunciada para o dia 24, fica transferida para o dia 26 do corrente mez por aquelle ser dia de grande gala.

Repartição de fazenda do districto de Aveiro, 18 de maio de 1886.
O Delegado do Thesouro
Diniz Kopke Severim de Sousa Lobo.

AGUAS ALCALINO-GAZOSAS-LITHINAES
DE
VIDAGO

142 NO dia 1 de junho abrem os hoteis da empreza das AGUAS DE VIDAGO, conservando-se expostos ao publico durante os mezes de junho, julho, agosto e setembro.

A importancia therapeutica d'estas aguas mineraes tem-lhes feito grangear uma reputação universal, sendo com justa razão consideradas como agentes do mais subido valor em todas as doenças em que está indicada esta medicação. A' riqueza das aguas juntam-se as boas condições em que [illegible] montados os hoteis da empreza, nos quaes se proporcionam as maiores commodidades [illegible].

Do relatorio apresentado pelo dr. Castro Lopo extractamos o seguinte:

DOENÇAS	CASOS	RESULTADOS
Dyspepsia	87	Excellente
Lithiase-biliar	16	Excellente
Engorgitamento hepathico	25	Excellente
Catarrho vesical	17	Excellente
Lithiase renal	19	Excellente
Gôtta e rheumatismo	4	Melhoras notaveis
Herpes	2	N'um bom resultado
Cymphatismo	1	Bom resultado
Diabetis	12	Excellente
Albuminuria	1	Algumas melhoras
Bronchite chronica	1	Bom resultado
Anemia	1	Bom resultado
Não qualificadas	20	

«... Como se vê pela estatistica presente não tem diminuido o numero de doentes que annualmente recorrem ao uso das aguas de Vidago, tomadas na sua origem. E' uma prova irrefutavel do quanto se generalisam os bons conceitos que merecem aos clinicos que deparam com casos especiaes como alguns que entram na estatistica, e para alguns dos quaes quasi de todo impotente o arsenal therapeutico que se encontra nas pharmacias.

«... Além dos agentes da mineralisação das aguas, uma parte importante nos resultados, deve-se, sem duvida, as condições do local onde as eguas brotam, e aos hoteis da empreza, onde se observam todos os preceitos de uma boa hygiene.

«Não nos resta duvida em qualifical-os cemo hoteis de primeira ordem, e tanto mais que esta é a opinião geral que d'elles se faz.

«Se não repetimos aqui as considerações que temos por vezes feito sobre as aguas de VIDAGO é pelo julgarmos desnecessario.

«Que fique ainda assim mais uma vez consignado o conceito que d'ellas fazemos, collocando-as a par das de Vichy, ideia que aliás não nos pertence, pois que foi apresentada pelo sr. dr. Lourenço, mas que no entanto se armonisa com o nosso pensar.

(Assignado) *José de Castro Lopo.*»

A empreza tem feito melhoramentos notaveis nas nascentes de Oura, Villa Verde e Sabroso. Da nascente de Oura, abundantissimas, sahe a agua para o estabelecimento balnear, onde ha banhos de emmersão, circular, douches, etc., consideravelmente melhorados.

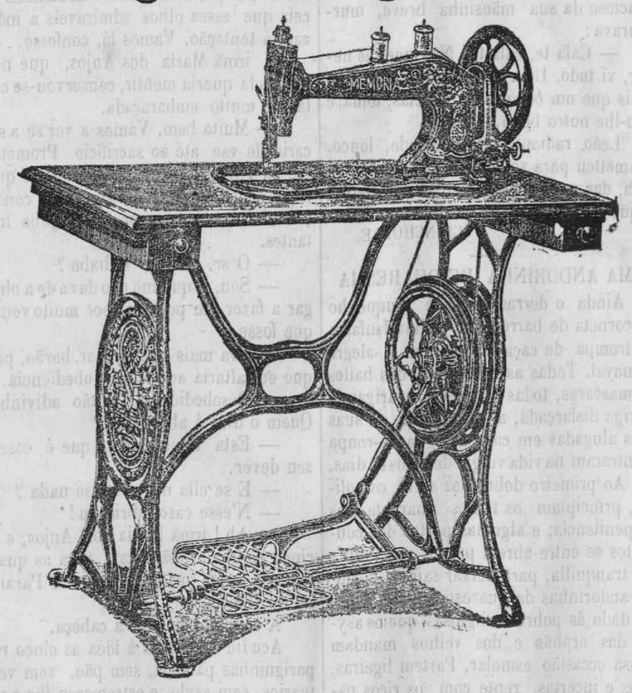
A agua de Sabroso, cuja riqueza é revelada pela primeira analyse, collocada em condições mais favoraveis, apresenta acido carbonico livre em quantidade extraordinaria.

A empreza vae mandar proceder a nova analyse, e é de suppor que venha mostrar que entre nós não ha outras que possam rivalisar com ella.

Para Vidago o transporte é facil, havendo na Regoa carros, mala-posta e diligencias que seguem até lá, podendo tambem seguir-se por Guimarães aos Arcos e Villa Pouca.

Para reserva de aposentos ou quaesquer esclarecimentos a correspondencia deve ser dirigida a madame Carvalho ou Miguel Augusto de Carvalho—VIDAGO.

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA
CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES
Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO
5

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

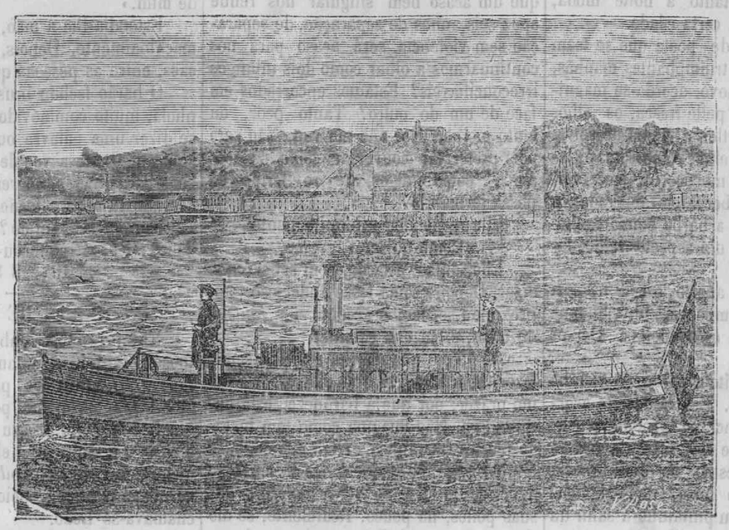
Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
7
NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

FUNDIÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor; construida em 1883, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesque obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios e rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro. Lisboa.

MODISTA
98—RUA DE SALGUEIROS—98
PORTO

89 COM tirocinio bastante, de modista em Lisboa, onde tem trabalhado para a casa real, e para a mais alta aristocracia, tanto na capital como na cidade do Porto.

Executa vestidos, pelo ultimo modelo a 1$500 reis; modernisa os vestidos antigos a 800 reis.

Executa chapeus, pelos ultimos modelos a 400 reis; modernisa os chapeus antigos a 240 reis.

Executa toda e qualquer obra concernente á sua arte, assim como: visites, dolmans, abrigos, mantelletes, etc., etc., vestidos para noivas e baptisados.

98, *Rua de Salgueiros, á Lapa*
Porto

MANUEL AUGUSTO FELGUEIRAS NEVES
COM
OFFICINA DE OURIVES
Rua Direita—Aveiro

147 COMPÕE ouro e prata com promptidão e barateza, assim como tambem compra ouro velho.

12 **ASPHALTO**
MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos
LARGO DA CADEIA

ANNUNCIO

123 VENDE-SE em Vagos uma parelha de egoas de 1m,60 d'altura, pertencente ao visconde de Valdemouro.

11
INJECÇÃO RAQUIN
DE COPAHIBATO DE SODA
Não causa nem irritação nem dôr e não manocha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Paris) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como preservativo.
Exija-se a assignatura do RAQUIN.
DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES
78, Faubourg Saint-Denis, Paris,
E em todas as boas pharmacias do estrangeiro.

CONTRA A DEBILIDADE

RECOMENDAMOS o Vinho Nutritivo de Cane, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Droga 6a Medicinal de Ribeiro Junior. 30

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico recostituinte, e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita-se modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas creanças, anemicos, e em geral nos debilitados qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 reis, e lo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequena circulos amarellos, marca que está deposito em conformidade da lei de 4 de julho de 1883

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Droga a Medicinal de Ribeiro Junior. 23

10
PILULAS DE BLANCARD
DE
IODURETO de FERRO INALTERAVEL
NOVA-YORK Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo formulario official francez. Autorisadas pelo R. medico PARIS

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são ineficazes; na **Chlorosis** (*palidez das mennas não menstruadas*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento inutil, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata recortativa, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui junctos.

Blancard

Pharmac[illegible] em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

PÓS DENTIFRICOS DE MOURA

131 ESTES pós limpam os dentes sem prejudicar o seu esmalte, dando-lhes um brilho e alvura admiraveis; fortificam as gengivas, tiram o mau halito e previnem a carie de resultados tão funestos quanto dolorosos. Caixa 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

RÉCLAME

77 DESDE o dia 1.º de setembro de 1884, um sello de garantia levando as palavras francezas «Union des [illegible] repression de la contrefaçon» (*União dos Fabricantes* para a repressão das falsificações) acha-se applicado como um *sello do correio* sobre todas as caixinhas de pilulas que saem da pharmacia do Doutor **Dehaut** de Paris.

PILULAS PEITORAES DE MOURA

132 ESTE medicamento, de uma composição vegetal e debaixo da fórma de pilulas, o que facilita muitissimo a sua administração, e de uma incontestavel efficacia nas bronchites tanto agudas como chronicas, defluxos, tosses, rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôres de peito, escarros de sangue, etc. Acompanham esta especialidade numerosos attestados que justificam os seus creditos. Caixa 500 reis. Deposito no Porto, Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

Previne-se o publico, para não ser illudido, que são falsificadas as pilulas em cujas caixas não fôr o nome Felix & Filho.

BALSAMA ODONTALGICO DE MOURA

130 COM o uso d'este balsamo cessam instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam. Frasco 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

137
ASTHMA E CATARRHO
Curados COM OS **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. a CAIXA
Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias
Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79
PEGADO A' CAIXA ECONOMICA
AVEIRO

VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de LANÇADEIRA OSCILLANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO
Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.
Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.
A agulha é sempre ajustavel.
Dá dois mil pontos n'um minuto!
Levissimas no trabalho e silenciosas sem ignal.
Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.
Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e vinda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro.

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jámais derão competir com a machina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras o de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO